

**FACULDADES EST**  
**PPG – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**PAULO FELIPE TEIXEIRA ALMEIDA**

**ESPIRITUALIDADE MANIFESTA:  
SITCOM FRIENDS EM DIÁLOGO COM PRINCÍPIOS DE LEONARDO BOFF  
SOBRE ESPIRITUALIDADE.**

São Leopoldo  
2014

PAULO FELIPE TEIXEIRA ALMEIDA

**ESPIRITUALIDADE MANIFESTA:  
SITCOM FRIENDS EM DIÁLOGO COM PRINCÍPIOS DE LEONARDO BOFF  
SOBRE ESPIRITUALIDADE.**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Dimensões do  
Cuidado e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo  
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447e Almeida, Paulo Felipe Teixeira  
Espiritualidade manifesta: sitcom Friends em diálogo com princípios de Leonardo Boff sobre espiritualidade / Paulo Felipe Teixeira Almeida ; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.  
76 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Boff, Leonardo, 1938 – 2. Espiritualidade. 3. Friends – Programa de televisão. I. Adam, Júlio César. II. Título.

## **Agradecimentos**

**Agradeço ao Eterno, o único que pode receber toda a honra, todo o louvor e toda a glória!**

Renovo a minha gratidão pelo “milagre” do acesso à educação, privilégio raro e perdido em meio à injustiça humana.

Agradeço a Faculdades EST pela acolhida, pela aceitação, pela jornada.

Agradeço às minhas professoras e aos meus professores; em especial, ao Professor Dr. Júlio César Adam, pois vislumbrou junto comigo o resultado desta pesquisa.

Agradeço aos meus familiares: em especial, a meu avô Daniel (*in memoriam*) que me disse quando eu era criança: “– *Tu vais é estudar!*” diante do meu solene desejo de seguir a profissão dele (sapateiro), e à minha avó Diamantina, que sempre me encorajou a não desistir.

Agradeço à minha mãe Maria do Carmo (*in memoriam*). Foi a primeira pessoa que eu vi guardando livros em uma estante.

Agradeço ao Camilo, um tio que escolheu ser pai.

Agradeço ao seu Nilton e a dona Ledi, pai e mãe emprestados.

Agradeço ao meu filho Johann, que repassou comigo – verbalmente – episódios da série *Friends*.

Agradeço aos meus filhos João Pedro e Ana Clara, presentes de Deus, alegria e aprendizado no dia a dia.

Enfim, agradeço à minha esposa. Ela cooperou de muitos modos e em muitos momentos; louvo e agradeço a Deus porque me apresentou e me aproximou de criação tão especial pra Ele. Ana, eu te amo!

**A todas e a todos, o meu *muito obrigado!***

## **Dedicatória**

Dedico o esforço e o resultado deste, aqui registrados:  
ao Eterno, o Deus Todo-poderoso;  
aos meus filhos João Pedro, Ana Clara e Johann  
e à minha esposa Ana Almeida.

## RESUMO

Esta pesquisa visa trazer à tona uma inusitada reflexão sobre espiritualidade. O pano de fundo para esta reflexão dá-se diante do contexto urbano de qualidade cosmopolita, principalmente. O desejo central desta pesquisa é o de proporcionar um diálogo entre uma representação da realidade, a partir do contexto urbano, através da análise de uma espiritualidade manifesta na *sitcom Friends* e diante da ótica de Leonardo Boff no tocante a espiritualidade. Assim, se fosse possível esboçar uma visão disto, se propõe alguém diante da TV, assistindo episódios do seriado *Friends* e com os indicados textos de Boff, nas mãos. Melhor, ainda, alguém sentado junto de Boff, ambos assistindo ao famoso seriado e lançado suas percepções em um amistoso diálogo, cheio de interesse para reconhecer pontos de correlação entre o que pensa, diz e escreve o teólogo e o que descreve a série em áudio, imagem e movimento. Pela abordagem específica da obra de Boff, em *Virtudes para um outro mundo possível*, se procurará fazer esta inusitada dinâmica. Existe interlocução, entretanto, com diversos autores de tradições distintas, além de pesquisas sobre cultura midiática/televisiva e espiritualidade. A pesquisa lança mão, portanto, de uma suposição de que seja possível encontrar na representação televisiva do cotidiano, possibilidades de compreendê-lo. Aborda-se, de igual forma, alusão de que o pensamento teológico contemporâneo busca respostas sobre uma espiritualidade vivenciada neste ambiente, dito urbano e cosmopolita. Para representar este espaço cosmopolita, elegeu-se a *sitcom Friends* como manifestação e representação oportuna desta realidade que invade o modo de viver. De outra ponta e na expectativa de um encontro, se elenca perspectivas da obra e do pensamento de Leonardo sobre espiritualidade. Para tanto, inicia-se com definições gerais de espiritualidade e, após, uma definição pertinente para esta pesquisa. Segue-se com uma definição do que seja uma *sitcom*, além de uma apresentação do seriado *Friends*. A partir deste ponto, propostas sobre espiritualidade são convencionadas, a saber, espiritualidade implícita (rastros/resquícios da fé sobreviventes não atrelados ou comprometidos a uma tradição), espiritualidade explícita (formalidades e legado religiosos atrelados a uma ou outra tradição de fé), e a espiritualidade manifesta (amizade/comunhão em que elementos como hospitalidade, convivência e comensalidade se apresentam para início e manutenção destas). Diante desta última caracterização de espiritualidade (manifesta), se busca perceber e analisar na *sitcom Friends* questões como a hospitalidade, a convivência e a comensalidade; e, na sequência, um destaque para quando isto leva a outro nível de comunhão: o casamento. Por fim, uma reflexão e proposta de (re)leitura da conduta, do posicionamento e do relacionamento das nossas comunidades de fé em contextos urbanos, cosmopolitas.

Palavras-chave: Espiritualidade. Cultura midiática. Cultura televisiva. Cultura pop. Hospitalidade. Convivência. Comensalidade.

## ABSTRACT

This research seeks to discuss an uncommon reflection about spirituality. The background for this reflection mostly takes place within the cosmopolitan urban context. The main goal of this research is to provide a dialogue between a representation of reality, from the urban context, through the analysis of a spirituality manifested in the sitcom *Friends*, and through the eyes of Leonardo Boff and his perspective on spirituality. Thus, if it is possible to sketch a vision of this, imagine someone in front of the TV, watching episodes of *Friends* with the indicated texts Boff in his hands. Better yet, imagine someone sitting next to Boff, both watching the hit series and sharing their perceptions in a friendly dialogue, both devoted to recognizing points of correlation between what the theologian thinks, says, and writes, and what composes the series in audio, image, and movement. This specific approach to Boff's work, *Virtues: For Another Possible World*, aims to create these unusual dynamics. There is dialogue, however, with several authors from different traditions, in addition to research on media/television culture and spirituality. This research sheds the assumption that you can find possibilities to understand television in its everyday representation. Similarly, it approaches the allusion that contemporary theological thinking seeks answers over a spirituality experienced in an urban and cosmopolitan environment. To represent this cosmopolitan environment, the research elects the sitcom *Friends* as a timely manifestation and representation of this reality that is ever so relevant to our way of life. At the other end, but with the expectation of a point of correlation, the research lists perspectives of the work and the thoughts of Leonardo in regards to spirituality. To do so, the research starts with general definitions of spirituality, and then a definition relevant for this research. It continues by providing a definition of what a sitcom is beyond the sitcom *Friends*. From this point on, proposals about spirituality are agreed on, namely implicit spirituality (traces/remnants of faith that survives not dependent on or committed to a tradition), explicit spirituality (religious formalities and legacies tied to ambiguous traditions of faith), and spirituality manifested (friendship/fellowship in elements such as hospitality, conviviality, and commensality present themselves to start and maintain themselves). In this last characterization of spirituality (manifested), the research seeks to understand and analyze, in the sitcom *Friends*, issues such as hospitality, conviviality, and commensality; and, following, a highlight of when these issues lead to another level of communion: marriage. Finally, a the research engages in a discussion and proposed (re)reading of the conduit, positioning and relationship of our faith communities in urban and cosmopolitan contexts.

Keywords: Spirituality. Media culture. Television culture. Pop culture. Hospitality. conviviality. Commensality.





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo 1 – ESPIRITUALIDADE</b>	<b>15</b>
1.1 – Definições e possibilidades	15
1.2 – Espiritualidade e o contexto urbano	17
1.3 – Espiritualidade: uma definição para esta pesquisa	22
<b>Capítulo 2 – VÍDEO, IMITA A VIDA! VÍDEO, IMITA-O VIDA!</b>	<b>25</b>
2.1 – O conceito de uma <i>sitcom</i>	27
2.2 – A <i>sitcom Friends</i>	29
2.2.1 – Uma sinopse espiritual para a <i>sitcom Friends</i>	29
<b>Capítulo 3 – ESPIRITUALIDADE IMPLÍCITA, EXPLÍCITA E MANIFESTA NA <i>SITCOM FRIENDS</i></b>	<b>37</b>
3.1 – Espiritualidade implícita e explícita na <i>sitcom Friends</i> : rastros da fé sobrevivente; formalidades e legado religioso	37
3.2 – Espiritualidade manifesta em <i>Friends</i> : juntos e unidos, da amizade ao casamento	39
3.2.1 – Hospitalidade em <i>Friends</i>	41
3.2.2 – Convivência em <i>Friends</i>	44
3.2.3 – Comensalidade em <i>Friends</i>	46
3.2.4 – E tudo aponta para o casamento	50
3.2.5 – Pausa para um café: lembrando a jornada até aqui	54
<b>Capítulo 4 – (RE)AÇÕES DIANTE DA ESPIRITUALIDADE MANIFESTA</b>	<b>59</b>
4.1 – (Re)leituras e outros rumos para as comunidades de fé em contextos cosmopolitas	59
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>

## INTRODUÇÃO

Muitas são as definições que podem dar sentido ao termo espiritualidade e, por isso mesmo, qualquer simples conversa sobre o significado do termo poderia dar início a vasto debate, pois “espiritualidade e religiosidade sempre são assuntos polêmicos”<sup>1</sup>; seja num café, num seminário teológico, em nossas comunidades de fé e, inclusive, nos variados e diferentes níveis dos ambientes acadêmicos.<sup>2</sup> A questão é que o termo pode se tornar extremamente amplo. Até mesmo confundido. Não seria difícil imaginar a descrição de religiosidade no lugar da de espiritualidade e vice-versa. A vivência religiosa difere da vivência da espiritualidade.<sup>3</sup> Por incrível que possa parecer, uma pode existir sem a outra.<sup>4</sup>

Dessa forma, cabe iniciar esclarecendo alguns termos que serão, ao longo desta pesquisa, citados, abordados e/ou (re)pensados. Dentre os termos, obviamente, serão abordados “espiritualidade” e “religiosidade” na intenção de delinear um paradigma que dará suporte para esta pesquisa. E, para que esta tenha uma delimitação plausível, será proposto um espectro para a abordagem de fontes para investigação destes termos iniciais. Como a experiência do autor desta pesquisa se dá na lida pastoral e dentro da perspectiva batista, princípios batistas serão contemplados, oportunamente. Da mesma forma, e dada a vivência do autor no cotidiano acadêmico da Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), o que

---

<sup>1</sup> ESPIRITUALIDADE x religiosidade. **Jornal da Metodista**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, ed. online, n. 70. Disponível em: <<https://www.metodista.br/jornal-metodista/70/espiritualidade-x-religiosidade>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>2</sup> Conforme salienta o Jornal da Universidade Metodista de São Paulo: “[...] esse é um tema importante para ser debatido no espaço da universidade, lugar mais do que apropriado para dúvidas e questionamentos [...]”. ESPIRITUALIDADE x religiosidade. **Jornal da Metodista**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, ed. online, n. 70. Disponível em: <<https://www.metodista.br/jornal-metodista/70/espiritualidade-x-religiosidade>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>3</sup> Vale ressaltar esta abordagem: “Primeiramente, é preciso diferenciar Espiritualidade de Religião. ‘Existe uma confusão muito grande na sociedade quando se fala em Religião e Espiritualidade’, contou o coordenador da Pastoral Universitária e Escolar, Rev. Luiz Eduardo Prates da Silva. ‘Espiritualidade tem a ver com o sentimento mais profundo de que a vida não se completa sozinha. Isto é, espiritualidade é a busca do mistério da existência humana’, ressaltou. ‘Hoje, a religião é usada mais no sentido de institucionalização, embora ela seja um espaço para o exercício da espiritualidade’, completou”. ESPIRITUALIDADE x religiosidade. **Jornal da Metodista**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, ed. online, n. 70. Disponível em: <<https://www.metodista.br/jornal-metodista/70/espiritualidade-x-religiosidade>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>4</sup> Em minha experiência pastoral, não tem sido raro observar pessoas que estão presentes em praticamente todas as atividades propostas por uma igreja/congregação: participam dos cultos, contribuem com dízimos e ofertas regularmente e comparecem nas assembleias administrativas, mas não relacionam este fazer e estas vivências com vida espiritual. Envolvem-se nesta relação como alguém que se associa a um clube em que simplesmente observa seus direitos e os seus deveres – matematicamente – racionalmente apenas, de uma maneira fria e, até mesmo, calculista; não raro, mercantilista. De outro lado, percebem-se pessoas buscando meios e espaço para a vivência da transcendência, mas negam – veementemente – quaisquer formas que lembrem institucionalização. Assim, participam apenas visando uma busca pessoal; sem uma preocupação para com o outro, para com a comunidade de fé em questão.

inclui uma especialização em Teologia/Missão Urbana, este Mestrado Profissional e pretendido Doutorado na mesma instituição, serão contemplados, também, perspectivas luteranas. Além das definições – pontualmente – expostas nas perspectivas acima apontadas, abordagens mais abrangentes (judaico-cristãs com teor ecumênico) sobre espiritualidade serão contempladas.

Agora, quais seriam os porquês diante de uma procura de definições para espiritualidade e religiosidade dentro da perspectiva urbana? Um dos interesses seria o de buscar compreensão e partilhar alguns cenários possíveis para fomentar reflexões nas comunidades de fé e noutras de cuidado pastoral.<sup>5</sup> Também espera-se lançar o desejo de perceber como a arte reflete a realidade, tal qual um espelho – por vezes, embaçado; noutras, iluminado e cristalino – e como esta (a arte) bebe, certamente, nas vivências pessoais de quem as cria, de quem as produz e as dirige e por que não, nas de quem as encena. Esta parte de definição será trabalhada no primeiro capítulo deste trabalho.

Buscar-se-á relações entre espiritualidade, o cotidiano e a arte, quem busca inspiração em quem, em que, onde, e como esta dinâmica se dá. A decisão de delimitar a um contexto urbano ficou apoiada na perspectiva de que o urbano é, em muitas oportunidades, invenção e/ou ocorre em coesão com a linguagem televisiva, num ciclo de desejo e de esperança, quase sem fim.<sup>6</sup> Assim, a televisão torna-se elemento presente no cotidiano e, conseqüentemente, no ambiente urbano. A televisão não só está lá, ela nos acompanha; mas, também, nós a acompanhamos e dela nos “alimentamos” – literalmente.<sup>7</sup> Dela extraímos

---

<sup>5</sup> Congregações, Igrejas, Paróquias, Sínodos, Convenções, Ordens Pastorais, Capelarias, Pequenos Grupos, além de outros agrupamentos e atividades de apoio com abordagem bíblico-pastoral, de tradição cristã e em suas mais diversas denominações.

<sup>6</sup> Como já nos chamou a atenção o líder da banda Engenheiros do Havaii, Humberto Gessinger, quando registra na letra de “Somos quem podemos ser”: “[...] a vida imita o vídeo / garotos inventam um novo inglês / vivendo num país sedento / um momento de embriaguez / ‘somos quem podemos ser / sonhos que podemos ter’ [...]”. GESSINGER, Humberto. Somos quem podemos ser. **Uol**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohavaii/discos/letras/somos.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>7</sup> Não se tem muita dificuldade para perceber artigos dando conta deste fato como notícia que merece atenção. Um dos exemplos pode ser observado no artigo do portal G1: “O número de domicílios particulares que têm pelo menos um aparelho de televisão em casa ainda supera o dos que têm geladeira, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2011, 59,4 milhões de lares tinham televisão – 96,9% do total. Já o número dos que tinham geladeira era de 58,7 milhões (95,8%)”. **NÚMERO** de casas com TV supera o das que têm geladeira. **G1 Economia**. 21. set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>>. Acesso em: jan. 2014: Além da posse do bem em si, o tempo dedicado chama atenção: “Cerca de 175 milhões (ou 92,4%) de pessoas com 14 anos ou mais tinham o hábito de assistir televisão e 75,2 milhões (42,9%) o faziam por mais de três horas diárias. Ainda, perto de 41,4 milhões do mesmo grupo etário declararam realizar alguma atividade física ou esporte, e 14,9 milhões delas (10,2%) foram consideradas ativas no lazer pelo critério da Organização Mundial de Saúde (OMS). Os dados constam no suplemento de saúde da Pesquisa Nacional por

informação, alegria, choro. Nela nos alienamos e, noutras vezes, até nos conscientizamos. Desde os mais curtos intervalos, onde pequenas propagandas nos emocionam em questão de poucos segundos, passando por programas jornalísticos dos mais variados níveis de qualidade e de comprometimento<sup>8</sup>; até às novelas de longa duração<sup>9</sup> e, mais recentemente, diante dos sucessos baseados em séries de televisão ou – especificamente para esta pesquisa – as séries denominadas como *sitcoms*.<sup>10</sup>

Dentro desta ambientação, propõe-se a investigação da bidirecionalidade do real (cotidiano) e a representação do real (programa de televisão), porventura existente, na *sitcom Friends*, uma das mais famosas séries mundiais da televisão.<sup>11</sup> Visto que esta *sitcom* trabalha

Amostra de Domicílios (PNAD) 2008, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado hoje”. FARID, JACQUELINE. IBGE: 43% acima dos 14 veem TV mais de 3h por dia. **O Estado S. Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ibge-43-acima-dos-14-veem-tv-mais-de-3h-por-dia,531880,0.htm>>. Acesso em jan. 2014.

<sup>8</sup> No Brasil, por exemplo, existe um curioso termo para qualificar um tipo específico de fazer notícia, conforme se pode ler no artigo, a seguir: “Como surgiu a ‘imprensa marrom’? Ela foi inspirada na expressão americana yellow press (‘jornalismo amarelo’), que surgiu no final do século XIX a partir da concorrência entre os jornais New York World e The New York Journal. Eles haviam entrado em guerra para ter em suas páginas as aventuras de Yellow Kid, a primeira tira em quadrinhos da história. A disputa nos bastidores foi tão pesada que o amarelo do cobijado personagem acabou virando sinônimo de publicações sem escrúpulos. Em língua portuguesa, a expressão teve sua cor alterada no Brasil em 1959, quando a redação do jornal carioca Diário da Noite recebeu a informação de que uma revista chamada Escândalo extorquia dinheiro de pessoas fotografadas em situações comprometedoras. O jornalista Alberto Dines, hoje editor do programa de TV Observatório da Imprensa, preparava, para a manchete do dia seguinte, algo como ‘Imprensa amarela leva cineasta ao suicídio’. O chefe de reportagem do Diário, Calazans Fernandes, achou o amarelo uma cor amena demais para o caráter trágico da notícia e sugeriu trocá-la por marrom. ‘Assim, a expressão ‘imprensa marrom’ originou-se numa denúncia contra a própria imprensa marrom’, afirma Dines. Além de criar o novo termo, a manchete do Diário da Noite contribuiu para o fim da criminosa revista Escândalo, fechada logo em seguida”. COMO surgiu a expressão “imprensa marrom”? **Mundo Estranho**. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-imprensa-marrom>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>9</sup> A novela pode ter duração diversa. No Brasil, uma das mais famosas é da década de 1970: “[...] *Irmãos Coragem* foi a novela das oito mais longa do horário nobre da Globo, com 328 capítulos [...] a trama ficou mais de um ano no ar: de junho de 1970 a julho de 1971!”. PRADELLA, Michele Vaz. No ar até janeiro, Amor à vida será novela mais longa dos últimos dez anos. Noveleiros, **ClicRBS**, 4 out. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/noveleiros/2013/10/04/no-ar-ate-janeiro-amor-a-vida-sera-novela-mais-longa-dos-ultimos-dez-anos/?topo=52,1,1,,186,e186>>. Acesso em: jan. 2014. Em um âmbito além das terras brasileiras, entretanto, podemos nos deparar com algo que superou décadas: “Depois de 54 anos no ar, a novela americana “As the world turns” foi cancelada pela emissora CBS. O programa foi ao ar pela primeira vez em abril de 1956 e, desde então, se tornou um sucesso de audiência nos Estados Unidos – em 1993, a novela tinha média de 6,3 milhões de espectadores e era exibida em onze países”. FUSCO, Cláudia. A novela mais longa do mundo vai acabar. **Superinteressante**, São Paulo: Abril, jan. 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/novela-mais-longa-mundo-vai-acabar-521379.shtml>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>10</sup> “Sitcom” é a abreviatura da expressão em inglês “situation comedy” e aqui temos uma breve definição: “Estilo de comédias produzidas em série para a televisão e que apresentam cenas da vida cotidiana”. DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sitcom>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>11</sup> Breve artigo relembra e ambienta a série: “O tempo voa quando se está entre amigos. Há vinte anos, estreava *Friends*, uma das *sitcoms* mais bem-sucedidas e famosas da televisão. Isso significa que, há dez anos, era exibido também seu final, que foi visto por cerca de 52,5 milhões de pessoas nos EUA, e é o quarto desfecho de série mais visto naquela década no País”. CARDOSO, Clarice. O que foi feito do grupo de amigos dez anos depois de “Friends”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 fev. 2014. Disponível em:

dentro de um contexto explicitamente urbano, em uma cidade nitidamente cosmopolita<sup>12</sup>, não será difícil fazer as correspondências para quem lê esta pesquisa e que conhece ou se ambienta em uma cidade de contexto urbano brasileiro. Parte-se da ideia de que nos “alimentamos”, também, de programações da televisão mundial<sup>13</sup>; e que numa dinâmica de globalização podemos lançar mão deste “*viver urbano*” como uma linguagem comum, seja em Nova Iorque<sup>14</sup>, em Paris, em Tóquio ou nas grandes metrópoles brasileiras. O comer<sup>15</sup>, o beber<sup>16</sup>, o vestir<sup>17</sup> ou o ler<sup>18</sup>, entre outros hábitos, podem assemelhar-se muito nestes grandes centros urbanos; a linguagem visual e sensorial, portanto, pode aproximá-los, consideravelmente. Esta busca de correlações entre o real e a representação do real será

---

<<http://www.estadao.com.br/noticias/arte-e-lazer,o-que-foi-feito-do-grupo-de-amigos-dez-anos-depois-de-friends,1127902,0.htm>>. Acesso em: janeiro de 2014.

<sup>12</sup> Nova Iorque, a conhecida metrópole mundial, é a cidade em que se ambienta a trama da *sitcom Friends*. Entretanto, segundo um site especializado em dicas para viagens, a série foi gravada na Califórnia. GOUVEIA, Julia. Friends, Sex and the city, Seinfeld: a nova York dos seriados. **Viagem, Blog da VT**, 5 set. 2012. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/blog/blog-da-vt/2012/09/05/friends-sex-and-the-city-seinfeld-a-nova-york-dos-seriados/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>13</sup> “Segundo levantamento feito pela Ancine (Agência Nacional do Cinema), a TV Cultura tem a maior programação estrangeira de todas as redes brasileiras. De acordo com a pesquisa, 37% da grade do canal ao longo de 2011 foi produzida fora do Brasil. O resultado é um reflexo da política de administração da Cultura de reduzir a produção própria e investir em desenhos, filmes e documentários importados, que custam menos. Em 2010, 70% da programação era produzida no Brasil”. TV Cultura tem a maior programação estrangeira de todas as redes brasileiras. **MSN Entretenimento**, 3 jul. 2012. Disponível em: <<http://entretenimento.br.msn.com/famosos/tv-cultura-tem-a-maior-programa%C3%A7%C3%A3o-estrangeira-de-todas-as-redes-brasileiras>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>14</sup> Cidade que hospeda a trama da “sitcom Friends”.

<sup>15</sup> Alguns produtos alimentícios, por exemplo, têm presença mundial. “O Big Mac é vendido em mais de 100 países, em mais de 80% das 32 mil lojas do McDonald's no mundo. Franquias de poucos países rejeitam o produto por motivos culturais ou religiosos”. BRASIL tem o quinto “Big Mac” mais caro do mundo. **UOL Economia**. 23 jan. 2014. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/31/brasil-tem-o-3-big-mac-mais-carro-do-mundo-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>16</sup> Pense, por exemplo, em refrigerantes. É impossível não lembrar no poderio da Coca-Cola. Veja o registro no site oficial da empresa no Brasil: “Nos cantos mais remotos do mundo, você encontra Coca-Cola”. HISTÓRIA da marca, 2000-Hoje. **COCA-COLA Brasil**. Disponível em: <<http://cocacolabrasil.com.br/coca-cola-brasil/historia-da-marca/#9>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>17</sup> Veja algumas qualificações sobre moda através de uma linha do tempo: “1980-1989 Os yuppies investem na aparência e consomem grifes de luxo. Trajes de Madonna viram uniforme. O culto ao corpo populariza a moda esporte. 1990-1999 Releitura é a palavra de ordem no mundo globalizado com estilos diferentes a cada ano. As top models viram ícones de beleza a serem imitados”. VEIGA, Aida. Linha do tempo na moda. **Revista Época**, São Paulo: Globo. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT539203-1664-2,00.html>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>18</sup> Lembro trecho do filme *Mens@gem para você*, em que a personagem Kathleen (Meg Ryan) afirma para Joe Fox (Tom Hanks), em outras palavras, que o empreendimento dele – uma mega livraria – seria, na verdade, um mero parque temático homogeneizando o mundo dos livros. EPHRON, Nora. **Mens@gem para você**. [s.l.]: Warner Bros., 1999. 1 DVD (119 min): son., color. Insistindo neste nicho, parece que a homogeneização poderia – em certo tempo – desvalorizar as presenças especializadas no referido mercado. Veja apontamentos em artigo no site da Associação Nacional de Livrarias (ANL): “[Afonso] Martin é veemente em suas críticas aos rumos do setor livreiro nos últimos anos. Para ele, as pequenas editoras e livrarias têm um papel fundamental, pois são elas as responsáveis pelo lançamento dos novos autores que não encontram espaço nas grandes casas editoriais. E são também as livrarias de pequeno e médio portes que se encarregam da tarefa de comercializar esta produção cultural. ‘Isso afeta a capilaridade da produção cultural nacional. Quando as livrarias morrem, é um problema do autor, da livraria, da editora, do leitor, dos produtores de cultura e das gráficas’, opina”. CUNHA, Paula. Pequenas livrarias encolhem ainda mais. **ANL**, 20 maio 2012. Disponível em: <[http://anl.org.br/web/exibe\\_noticia.php?id=620](http://anl.org.br/web/exibe_noticia.php?id=620)>. Acesso em: jan. 2014.

introduzida a partir do segundo capítulo, alcançando desmembramentos no terceiro capítulo desta pesquisa.

Nesta *sitcom*, entretanto, chamou a atenção do autor desta pesquisa e mereceu apreço a questão de um tema tido por alguns como essencial na vida relacional e, para outros, como antiquado, ser – justamente – o “*desejo de consumo*” de todas as seis personagens principais da série, a saber, o casamento. Obviamente que esta *sitcom* tem no mote da amizade seu enredo de episódio em episódio, mas, com o andar da série e o avanço das temporadas, é impossível não perceber a importância que vai tomando a questão do caminhar nas relações com o intuito de casar-se. Por esta curiosa verificação, esta pesquisa observará, também, esta jornada que leva da amizade, suas dinâmicas e seus desafios, até o casamento. Procurar-se-á visualizar e compreender este processo e os elementos que tornam esta caminhada uma sequência de preparações para um fim desejado por todas as personagens envolvidas na *sitcom*. O desejo é tentar perceber, também, como a abordagem do “estar junto” apenas não se faz suficiente nem na amizade, nem no casamento; parece que se necessita de algo a mais. Chegar neste ponto será um dos interesses do terceiro capítulo, mas não sem antes passar pelo paradigma proposto por Leonardo Boff em/a partir das perspectivas de *Virtudes para um outro mundo possível*<sup>19</sup>; este último, então, ocupará lugar central na reflexão proposta.

---

<sup>19</sup> Eis breve apresentação da obra, por meio de resenhas apresentadas pela editora Vozes para os três volumes de “Virtudes para um outro mundo possível”. Resenha do volume I: “Como solucionar os problemas da contemporaneidade? O que fazer com os problemas trazidos pelas formas globalizadas de convivência? O autor desta obra, [sic] aponta uma solução não meramente política e técnica, e sim uma visão global do ser humano e seus valores. Este é o primeiro de três volumes de uma série que procura orientar o ser e seu comprometimento com o viver”. VIRTUDES para um outro mundo possível – Vol. I. Disponível em: <<http://www.universovozes.com.br/livrariavozes/web/view/DetalheProdutoCommerce.aspx?ProdID=8532632122&>>. Acesso em: jan. 2014. Resenha do volume II: “A convivência com o diferente ainda representa uma dificuldade, porque desencadeia o respeito ao próximo e isso exige a tolerância de fatos estranhos e que causam rejeição. Segundo volume de uma trilogia este livro apresenta a convivência, o respeito e a tolerância, algumas das virtudes necessárias para que surja um mundo diferente e possível, no qual todos possam viver com um mínimo de paz”. VIRTUDES para um outro mundo possível – vol. II. Disponível em: <<http://www.universovozes.com.br/livrariavozes/web/view/DetalheProdutoCommerce.aspx?ProdID=8532632807&>>. Acesso em: jan. 2014. Resenha do volume III: “Grande parte de nossa atual sociedade está mergulhada em fome e subnutrição. O terceiro e último volume da coleção “Virtudes para um outro mundo possível” busca resgatar a nossa humanidade mais íntima. Trata do ato comunitário de comer e beber juntos, um caminho para que ressurgam em nós sentimentos de solidariedade e de compaixão para com os mais necessitados, sentimentos que ainda hoje nos constitui como espécie humana. São virtudes necessárias para que surja um mundo diferente e possível, pois não haverá paz no mundo enquanto houver estômagos vazios”. VIRTUDES para um outro mundo possível – vol. III. Disponível em: <<http://www.universovozes.com.br/livrariavozes/web/view/DetalheProdutoCommerce.aspx?ProdID=8532633846&>>. Acesso em: jan. 2014.

Por fim, existe o intento sim de que as mais diversas comunidades de fé e de cuidado, na tradição cristã – em especial – possam fazer uso das impressões aqui percebidas e das reflexões propostas, abstrair meios criativos para que possam interagir com um mundo que condensa linguagens, que fala cada vez mais próximo um do outro, mas que ao mesmo tempo registra insatisfação por um estar junto superficial, sem união. Este trabalho visa, neste ensejo, elencar e propor perguntas, respostas, reflexões e novas abordagens para que as comunidades de fé e as de cuidado se mantenham vivas e relevantes para com aquelas e aqueles ao seu redor. O quarto capítulo dará atenção a este desafio lançado na direção das comunidades de fé.

Ainda, transitarão ao longo desta pesquisa, na condição de importantes referenciais teóricos, as linhas de pensamento de Júlio Zabatiero, Hermann Brandt, Henry J. M. Nouwen, mas, principalmente, de Leonardo Boff; além do intercâmbio destas com o texto bíblico. Será considerada, também, a vivência e a prática pastoral do autor desta pesquisa. Tem-se nos autores de referência a pronunciada preocupação social, comunitária. A *sitcom* em questão tem como referência o espaço cosmopolita, e mais, ambientado na referência mundial para o capitalismo. Desta forma, a pesquisa é um texto em crise porque propõe e agrupa, na mesma “sala de estudos”, extremos. No entendimento do autor desta pesquisa, algo valioso, entretanto. Confrontação sadia e frutífera. Oportunidade diante de uma crise, nesta diagramação de ideias, nos ambientes e contextos distintos, mas com os mesmos tipos de seres: humanos (culminando, então, no pensamento de um latino-americano e no dia a dia de seis personagens norte-americanos).<sup>20</sup> Chance de crescimento no pensar e expectativa positiva para um futuro agir. Assim se espera e se almeja.

---

<sup>20</sup> A alusão aqui difere da aplicação relacionada ao uso popular da ideia de que o caractere chinês “*weiji*”, supostamente, significaria – simultaneamente – crise e oportunidade; conforme se pode constatar em artigo da edição online da Revista Piauí: “No início do ano, a secretária de Estado americana Condoleezza Rice foi ao Oriente Médio na sua zilionésima missão de paz. Segundo o Washington Post, ela disse em Riad, capital da Arábia Saudita, que ‘as circunstâncias no Oriente Médio podiam representar uma oportunidade. Eu não leio chinês, mas me contaram que o caractere chinês para crise é *weiji*, que significa tanto perigo como oportunidade. Acho que faz muito sentido. Tentaremos maximizar a oportunidade’”. Embora o verbo maximizar consiga soar tão feio em inglês quanto em português, o que de fato chama atenção na frase é que ela encerra uma imensa bobagem. Pior: uma bobagem repetida *ad nauseam*, sem dó nem piedade, em manuais de autoajuda, livros para executivos, declarações exaltadas de financistas, falas solenes de políticos e recintos onde se cura de tudo. Trata-se de ignorância, ou, na pior hipótese, de oportunismo, relacionar o termo *weiji*- crise, em chinês - ao binômio perigo/opportunidade”. SUN, Adam. Mas nem na China. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, 6. ed. online, mar. 2007. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-6/esquina/mas-nem-na-china>>. Acesso em: jan. 2014. Esta oportunidade, então – ora mencionada – se dá pela confrontação de paradigmas: de um lado, a escrita e o pensamento de Leonardo Boff (cujos textos, também, exigem um olhar para o pobre, para o oprimido, para o excluído) e, de outro lado, a *sitcom Friends*, cuja ambientação, rotinas e desafios se dão imbricadas no emblemático símbolo da vida e da conquista capitalista: Nova Iorque, a metrópole cosmopolita por excelência. Desta confrontação, pretende-se perceber que crises humanas ocorrem independentemente de endereço e da

# 1. ESPIRITUALIDADE

## 1.1 – Definições e possibilidades

Como já introduzido, esta pesquisa partirá da perspectiva de que podemos observar no termo “espiritualidade” uma leitura mais ampla que o termo “religiosidade”, referindo-se a um desejo inerente para com o sobrenatural, para com o transcendente, no cotidiano, na rotina do dia a dia. Por isso, a preferência pelo uso do termo. Do contrário, ao usar o termo religiosidade poderíamos estar chamando a atenção para uma ou outra religião/denominação religiosa.

Mas e religiosidade, o que seria? Em que difere, basicamente, de espiritualidade? Bem, no âmbito da religiosidade, “a relação com o sagrado se desenvolve na cultura e na sociedade onde estão presentes elementos estéticos e comunitários [...]”.<sup>21</sup> Enquanto a espiritualidade teria um aspecto – aparentemente – menos rígido, as religiões, por sua vez, são aquelas que “[...] em geral, implicam uma conduta moral e uma reflexão ética, que envolve, por exemplo, leis, virtudes, solidariedade e amor”.<sup>22</sup> Assim, ficamos com esta ideia de que religião traz este sabor mais rígido, em que “[...] cada religião tem suas regras e preceitos [...]”<sup>23</sup>, dentro de uma racionalização e formatação, ou seja,

Embora lide com mistério, com o transcendente e com elementos que comumente se reconhece estarem além da capacidade de compreensão racional, não se pode deixar de considerar que as religiões englobam o aspecto racional. Tal racionalidade se deixa perceber nas articulações, por vezes complexas, de doutrinas, dogmas, leis e reflexões sobre o sagrado e suas relações com a humanidade. Neste sentido, a maioria das religiões possui, explicitamente ou não, a elaboração de uma teologia.<sup>24</sup>

Para contribuir com a definição sobre espiritualidade, encontramos em Butzke o seguinte comentário: “O conceito moderno de espiritualidade tem sua origem na palavra francesa *espiritualité*, que, desde o século XVII [...] é termo técnico para a relação pessoal

---

condição sócio-econômico-político-cultural-eco-espiritual; e nisso, quem sabe, passíveis de encontrar benefício na experiência do outro.

<sup>21</sup> JOOS, Jonas. Religião. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et al. (Eds.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 861.

<sup>22</sup> JOOS, 2008, p. 861.

<sup>23</sup> GRAF, Geraldo; RAMLOW, Leonardo. **Nossa igreja - nossa identidade**: manual de estudo. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 79.

<sup>24</sup> JOOS, 2008, p. 861.



com Deus e a vivência da fé”<sup>25</sup>. Pairaremos, então, diante deste questionamento universal, por uma vivência necessária na intenção de suprir o vazio que não é só material, este sentimento que, outrora, já fez dizer: “Parem o mundo que eu quero descer!”<sup>26</sup> e que nos faz buscar real sentido na vida, como mostra-nos Boff:

Mais do que religião o ser humano busca espiritualidade. A religião codifica uma experiência de Deus e dá-lhe a forma de poder religioso, doutrinário, moral e ritual. A espiritualidade se orienta pela experiência de encontro vivo com Deus, prescindindo do poder religioso. Esse encontro é vivido como gerador de grande sentido e de entusiasmo para viver.<sup>27</sup>

Este movimento que – intrinsecamente – nos empurra e se manifesta, justamente, da não consciência da espiritualidade para a respectiva necessidade de tê-la, de vivenciá-la, ainda nas palavras do teólogo Boff:

Talvez uma das transformações culturais mais importantes no século XXI será a volta da dimensão espiritual na vida humana. O ser humano não é somente corpo que é parte do universo material. Não é também apenas psiqué, expressão da complexidade da vida que se sente a si mesmo, se torna consciente e responsável. O ser humano é também espírito, aquele momento da consciência no qual ele se sente parte e parcela do Todo, ligado e re-ligado a todas as coisas. É próprio do espírito colocar questões radicais sobre nossa origem e nosso destino e se perguntar pelo nosso lugar e pela nossa missão no conjunto dos seres do universo. Pelo espírito o ser humano decifra o sentido da seta do tempo ascendente e se inclina, reverente, face Àquele mistério que tudo colocou em marcha. Ousa chamá-lo por mil nomes ou simplesmente diz Deus.<sup>28</sup>

Será oportuno e requerido, entretanto, propor um paradigma de espiritualidade. Uma formulação específica para que em toda oportunidade em que o termo “espiritualidade” for citado se tenha o escopo pelo qual este se explica, dentro das pretensões específicas desta pesquisa, obviamente.

Na reflexão de Zabatiero, podemos observar pistas e ver uma vertente da ideia para espiritualidade da qual se valerá – de forma recorrente – esta pesquisa: “[...] Viver em

<sup>25</sup> BUTZKE, Paulo Afonso. Espiritualidade. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando et alii (Eds.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 387.

<sup>26</sup> REVISTA Ultimato. Viçosa, Ano XLVI, nº 344, Set./Out. 2013. p. 24.

<sup>27</sup> BOOF, Leonardo. Século XXI, século da espiritualidade? Disponível em: <[http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec\\_esp.htm](http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec_esp.htm)>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>28</sup> BOOF, Leonardo. Século XXI, século da espiritualidade? Disponível em: <[http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec\\_esp.htm](http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec_esp.htm)>. Acesso em: jan. 2014.

comunhão é o lado positivo da autêntica vida espiritual, é a exortação que pode ser traduzida como viver em amizade, viver a hospitalidade [...]”.<sup>29</sup>

E, como propõe Boff,

O século XXI será um século espiritual que valorizará os muitos caminhos espirituais e religiosos da humanidade ou criará novos. Essa espiritualidade ajudará a humanidade a ser mais corresponsável com seu destino e com o destino da Terra, mais reverente face ao mistério do mundo e mais solidária para com aqueles que sofrem. A espiritualidade dará leveza à vida e fará que os seres humanos não se sintam condenados a um vale de lágrimas mas se sintam filhos e filhas da alegria de viver juntos nesse mundo.<sup>30</sup>

Basicamente, espiritualidade será apresentada por suas impressões manifestas, a partir do pensamento de autores como Zabatiero, Brandt, Nouwen, mas em Boff, especificamente. Destaco as seguintes obras, destes autores: “*Fundamentos da teologia prática*” (Ed. Mundo Cristão); “*Espiritualidade: vivência da graça*” (Ed. Sinodal); “*O sofrimento que cura*” (Ed. Paulinas); e como referência principal, “*Virtudes para um outro mundo possível*” (Ed. Vozes). Dentre os termos que imprimirão teor de espiritualidade, destaque será dado para questões como hospitalidade, convivência, respeito, tolerância e comensalidade, sempre associando ao contexto urbano e cosmopolita. A espiritualidade, desta forma, será também busca, pretensão, perguntas e respostas, reflexão e crítica, diante das crises percebidas no contexto urbano. Visto que a percepção e a replicação das características do contexto urbano podem fazer uso das mídias de entretenimento – e, como se propõe aqui, por meio de *sitcoms* – o que pensam os autores e o que se vive pelos termos propostos será observado e elencado ao longo do trabalho como tentativa e busca por vestígios desta espiritualidade.

## 1.2 – Espiritualidade e o contexto urbano

Como podemos perceber tons e sabores de espiritualidade no cotidiano, especificamente, nos contextos urbanos? Segundo Butzke, o termo “espiritualidade” ultrapassou as cercanias das comunidades cristãs:

<sup>29</sup> ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 101.

<sup>30</sup> BOFF, Leonardo. Século XXI, século da espiritualidade? Disponível em: <[http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec\\_esp.htm](http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec_esp.htm)>. Acesso em: jan. 2014.

Mesmo que proveniente da igreja cristã, o tema espiritualidade na última década deixou de ser um tema exclusivamente eclesial. Praticamente tudo o que se publica nas áreas de autoajuda, esoterismo ou espiritualismo pode ser encontrado sob a rubrica da espiritualidade. Não podemos, neste texto, analisar a espiritualidade atual em sua diversidade religiosa e social. Precisamos, porém, nos conscientizar que a espiritualidade é hoje tema de extrema relevância.<sup>31</sup>

Na verdade, desde o cotidiano andar do judeu mais conhecido, o filho de Maria e de José:<sup>32</sup> Jesus<sup>33</sup> (figura elementar no Cristianismo e com relevante menção em outras tantas tradições e/ou filosofias), percebe-se que espiritualidade se manifestava nas coisas simples, também, nas acessíveis e nas compreensíveis:

O toque ou imposição das mãos, sem dúvida, representou nas descrições bíblicas sobre a vida e ministério de Jesus apreço e afeto (simples, mas não simplório) com os quais Cristo declarava amor pelas pessoas. Com o toque das mãos, Jesus se importou com elas: curando, acalmando, salvando, abençoando. Pode-se perceber nisto a afeição do Deus que se fez ser humano, como também seu desejo de perceber-nos e ser percebido.<sup>34</sup>

Nesta mescla de vivências materiais e espirituais “é preciso perceber que cada cultura traz a sua maneira e os seus mecanismos para aproximação e manutenção de relacionamentos”.<sup>35</sup> E conforme salienta a teóloga Sherron K. George:

Cada cultura tem maneiras de reconhecer a presença da outra pessoa. Em muitas culturas, o respeito começa com o olhar que reconhece a existência da outra pessoa. Em algumas culturas asiáticas, o primeiro olhar já pode mostrar falta de respeito. É importante descobrir o modo correto de reconhecer e aceitar a existência e presença da outra pessoa.<sup>36</sup>

Dessa maneira, vê-se algo intrincado, valores mais elevados (cúmplices de uma espiritualidade não codificada e sem forma, por vezes), que podem ser representados no cotidiano, nas relações diárias:

<sup>31</sup> BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias. In: **Estudos teológicos**, São Leopoldo, n. 2, 2003. p. 104-120.

<sup>32</sup> Mãe e o pai adotivo de Jesus Cristo, o filho de Deus.

<sup>33</sup> GRAF, Geraldo; RAMLOW, Leonardo. **Nossa igreja - nossa identidade**: manual de estudo. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 114. Jesus Cristo é apresentado como o pleno conhecedor de dois mundos: físico (humano) e espiritual, conforme descrição do Credo Niceno: “E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os tempos, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, consubstancial com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas, o qual por nós homens e pela nossa salvação desceu do céu, e encarnou por obra do Espírito Santo, da Virgem Maria, e foi feito homem”.

<sup>34</sup> ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo? In: **Revista Batista Pioneira**: Bíblia, Teologia, Prática, Ijuí (RS), v.1, n. 2, dez. 2012. p. 240.

<sup>35</sup> ALMEIDA, 2012, p. 240.

<sup>36</sup> GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça**: parceria na missão de Deus. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006. p. 47.

Esta demonstração de afeto, manifestada na forma de como aproximar-se da outra pessoa, leva em consideração como a outra pessoa é percebida e como também ela nos percebe. O costume representa algo intrínseco a cada um de nós, em cada uma de nossas culturas. *‘A maneira aberta e respeitosa de Jesus aproximar-se e tratar a mulher no poço em Samaria foi surpreendente para ela, os cidadãos samaritanos, os discípulos judeus de Jesus e os leitores do quarto evangelho. Atitudes culturais de hostilidade e afastamento mútuos foram substituídas por atitudes de aceitação e reconciliação’.*<sup>37</sup>

Mas o que poderia fazer pano de fundo para desejo por estes valores mais elevados ou, ainda, por uma vivência de espiritualidade em contexto urbano? Assim assevera Hoffmann:

O caos [...] afeta de algum modo todos os habitantes das metrópoles. A síndrome de insegurança e a real precariedade da segurança pública se apresentam como um drama generalizado e sem solução a curto prazo. O confinamento cada vez maior da população em apartamentos, sempre menores e mais caros, é o ambiente altamente favorável ao surgimento da depressão.<sup>38</sup>

Isto se extrapola na medida em que as relações nos centros urbanos se deterioram, cercadas por uma lógica de mercado, doentia, em que se torna mais importante ter do que ser, pode-se lançar mão desta inusitada ilustração do contexto judaico para perceber que nos cabe, a cada um, refletir e repensar sobre. Dessa forma, então, nos conduz Niskier, neste texto, intitulado *“A janela e o espelho”*:

Um dia, um jovem muito rico foi ter com o rabi e lhe pediu um conselho para orientar a vida. O bom homem conduziu-o para uma janela e perguntou-lhe: – Que vês através dos vidros? – Vejo homens que vão e vêm, e um cego pedindo esmolas na rua – respondeu o jovem. Então, o rabi mostrou-lhe um grande espelho e novamente o interrogou: – Olha neste espelho e dize-me agora o que vês. – Vejo-me a mim mesmo. – E já não vês os outros! Repara que a janela e o vidro são feitos da mesma matéria-prima, o vidro; mas no espelho, porque há uma camada de prata colada ao vidro, não vês nele mais do que a tua pessoa, enquanto que, através do vidro transparente da janela, vês os outros. Pobre, vias os outros e tinha compaixão deles. Coberto de prata – rico – não te vês senão a ti mesmo. Só valerás alguma coisa – concluiu o rabi – quando tiveres coragem de arrancar o revestimento de prata que tapa os olhos e o coração, para poderes de novo ver e amar aos outros.<sup>39</sup>

A sombra da solidão apresenta-se e pode tornar-se uma terrível realidade. Enfrentá-la é um desafio, como ressalta Ratzinger:

Se existisse uma solidão em que nenhuma palavra de um outro pudesse penetrar para transformá-la; se não houvesse uma sensação de abandono tão profundo que

<sup>37</sup> GEORGE, 2006, p. 52-53.

<sup>38</sup> HOFFMANN, Arzemiro. **A cidade na missão de Deus**: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus. Curitiba: Encontro; São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2007. p. 129.

<sup>39</sup> NISKIER, Arnaldo. **Sabedoria judaica de A a Z**. São Paulo: Sêfer, 2009. p. 168.

nenhum tu seria capaz de chegar até ele, então estaríamos diante da solidão e do assombro verdadeiro e total, aquilo que a teologia chama de ‘inferno’. A partir dessa situação podemos definir exatamente o significado desse termo: ele designa uma solidão em que o amor já não penetra e que representa, por isso mesmo, o abandono propriamente dito da existência. Quem não se lembraria nesse contexto dos poetas e filósofos de nosso tempo, para os quais qualquer encontro entre os seres humanos é sempre apenas superficial, de modo que ninguém seria capaz de alcançar o íntimo real do outro; todo encontro, por mais bonito que pareça, serviria apenas para anestesiar a ferida incurável da solidão.<sup>40</sup>

Pessoas precisam de pessoas, é natural, está enraizado em nossa estrutura. Como registra Niskier em sua definição sobre solidão: “Nem mesmo no paraíso é bom estar só”<sup>41</sup>. Da mesma forma, reforça Ratzinger:

Naturalmente, o ser humano acaba compreendendo que a sua vida não persiste sozinha e que, por isso, precisa procurar existir em outros, para por meio deles e neles na terra dos vivos.<sup>42</sup>

Diz-nos, ainda, Nouwen: “se existe uma postura que perturbe um homem em sofrimento, essa postura é o distanciamento”.<sup>43</sup> Vivemos em uma época em que as pessoas ao redor nos podem dar uma sensação de grupo, de conjunto, até mesmo as tecnologias podem fomentar isto. Mas a verdade é que estamos perto e longe demais uns dos outros, falta-nos, como afirma Almeida, o princípio que “emerge da nítida impressão de uma necessidade/realidade vital que temos uns dos outros, uns para com os outros, uns pelos outros”<sup>44</sup>, ou ainda, como que paráfrase a Gessinger, que versou assim: “nossa cidade é muito grande e tão pequena; tão distante do horizonte do país”<sup>45</sup> e, ainda, noutro trecho: “nossa cidade é tão pequena e tão ingênua; estamos longe demais das capitais”.<sup>46</sup>

Esta sensação, portanto, mote da canção, acima descrita, fala deste sentimento e desta necessidade que os centros urbanos enredam. Assim, um estado de expectativa se apresenta. E se procura por alguém que se importe; alguém que nos espere, ou seja, aquela pessoa que nos aguardaria no dizer de Nouwen, pois uma pessoa “[...] consegue manter a sua

<sup>40</sup> RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico – com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Loyola, 2011. p. 221.

<sup>41</sup> NISKIER, 2009, p. 178.

<sup>42</sup> RATZINGER, 2011, p. 223.

<sup>43</sup> NOUWEN, Henri J. M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 107.

<sup>44</sup> ALMEIDA, 2012, p. 237.

<sup>45</sup> GESSINGER, Humberto. Longe demais das capitais. **Uol**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/discos/letras/longe.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>46</sup> GESSINGER, Humberto. Longe demais das capitais. **Uol**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/discos/letras/longe.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

sanidade mental e sobreviver contanto que exista pelo menos uma pessoa esperando [...]”.<sup>47</sup> É preciso reconhecer que precisamos disto, é vital, pois não podemos “subestimar o poder da espera”.<sup>48</sup> Na verdade, ninguém “pode sobreviver quando não tem alguém esperando [...]”.<sup>49</sup> Faz-se necessário uma proximidade real, portanto, espaço de acolhida, de convivência, no qual seja possível matar todas as fomes existentes.<sup>50</sup>

Nesta direção pretende-se seguir e observar nestes conflitos, acima mencionados, a antessala para uma vivência espiritual. Importante reconhecer que

A singularidade do ser humano consiste em experimentar a sua própria profundidade. Auscultando a si mesmo percebe que emergem de seu profundo apelos de compaixão, de amorização e de identificação com os outros e com o grande Outro, Deus. Dá-se conta de uma Presença que sempre o acompanha, de um Centro ao redor do qual se organiza a vida interior e a partir do qual se elaboram os grandes sonhos e as significações últimas da vida. Trata-se de uma energia originária, com o mesmo direito de cidadania que outras energias como a sexual, a emocional e a intelectual. Pertence ao processo de individuação acolher esta energia, criar espaço para esse Centro e auscultar estes apelos, integrando-os no projeto de vida. É a espiritualidade no seu sentido antropológico de base. Para ter e alimentar espiritualidade a pessoa não precisa professar um credo ou aderir a uma instituição religiosa. A espiritualidade não é monopólio de ninguém, mas se encontra em cada pessoa e em todas as fases da vida. Essa profundidade em nós representa a condição humana espiritual, aquilo que designmos [*sic*] espiritualidade.<sup>51</sup>

Então chegamos a este ponto, inerente ao ser humano, em que esta vital necessidade se antecipa ao desejo. E do desejo à consumação, de modo que se alcance uma espiritualidade ao alcance de todas as pessoas. Ou como salientou Francisco, o bispo de Roma, lembrando-nos o desafio de olharmos para além de si:

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da acção

<sup>47</sup> NOUWEN, 2007, p. 100.

<sup>48</sup> NOUWEN, 2007, p. 101.

<sup>49</sup> NOUWEN, 2007, p. 99.

<sup>50</sup> Veja trecho da música Comida: “[...] Você tem sede de que? / Você tem fome de que? / A gente não quer só comida [...]. FROMER, Marcelo; ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sérgio. Comida. Disponível em: <[http://www.titas.net/discografia/index.php?interface=0&acao=disco&disco\\_id=5](http://www.titas.net/discografia/index.php?interface=0&acao=disco&disco_id=5)>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>51</sup> BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?<sup>52</sup>

### 1.3 – Espiritualidade: uma definição para esta pesquisa

A partir das perspectivas visitadas, até aqui, pretende-se expor, de maneira sucinta e clara, uma definição para espiritualidade que sirva para o escopo desta pesquisa. Primeiramente, serão tomados termos que indicam intenções e respectivas ações acopladas aos seguintes temas: hospitalidade, convivência e comensalidade como expressões de espiritualidade. Ou seja, na observação de ações em grupos, principalmente em contextos urbanos, que incluam um nível de comunhão que envolva a acolhida (hospitalidade), a coexistência (convivência) e o comer juntos (comensalidade), sugerir-se-á a vivência de espiritualidade. E a denominaremos *espiritualidade manifesta* sempre que este conjunto de temas for além do fim em si mesmo, do ato isolado, da caridade ou expressão de bondade, momentâneas; mas, sim, quando for intencional, como ato contínuo, indicando não só o início de interações relacionais, como também a manutenção destas.

Levando em consideração a necessidade de cruzar estes temas com um exemplo prático, acessível, mensurável e que transite como referência no contexto urbano e, ainda, na expectativa de experimentar a relação *realidade e representação da realidade*, far-se-á esta experimentação a partir da leitura da obra de Boff<sup>53</sup> e diante da *sitcom Friends*. Assim, procurar-se-á verificar se os temas elencados a partir do pensamento de Boff são abordados na *sitcom Friends*, se estes são contemplados e se os mesmos afirmam as relações e, por conseguinte, as aprimoram; e se, também, as elevam ao mesmo nível requerido e desejado, não raro, nas diversas comunidades de fé que se percebem no contexto judaico-cristão. Imagine, portanto, alguém com os livros, aqui mencionados de Boff, em frente à televisão enquanto episódios de *Friends* são combinados aos textos dos livros.

Assim sendo, a espiritualidade será percebida para o intento desta pesquisa como a manifestação da comunhão que se apresenta na hospitalidade, na convivência e na comensalidade; com vistas a iniciar e a manter amizades que permaneçam e façam diferença positiva e relevante nas vidas uns dos outros, do grupo em questão. E que, de alguma forma,

<sup>52</sup> FRANCISCO, Papa. Primeira exortação apostólica do Papa Francisco. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira\\_exorta%C3%A7%C3%A3o\\_apost%C3%B3lica\\_do\\_papa\\_francisco/bra-750057](http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira_exorta%C3%A7%C3%A3o_apost%C3%B3lica_do_papa_francisco/bra-750057)>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>53</sup> Virtudes para um outro mundo possível, em três volumes, lançados pela Editora Vozes Ltda.

resguardado as devidas proporções, possam significar um dos principais objetivos, na atualidade, para comunidades de fé, dentro da perspectiva judaico-cristã: a comunhão.





## 2. VÍDEO<sup>54</sup>, IMITA A VIDA! VÍDEO, IMITA-O VIDA!

Sugerir o vídeo como sujeito, um agente de influência dentro de nossas casas, capaz de falar com a pessoa telespectadora, pode causar – inicialmente – estranheza, soar inusitado ou, até mesmo, absurdo. Mas diante de alguns elementos metafóricos, pode-se abstrair, neste sentido, e se perceber que o vídeo é semelhante a um ente, com personalidade, com influência e que fala aos corações. Quem nunca assistiu, pois, a um filme e sentiu-se motivado a mudar de atitude, com inspiração, alegria e, até mesmo, em melancolia? Quem nunca ligou e/ou efetivou uma compra por telefone/internet, imediatamente após um comovente comercial de TV? O vídeo, não raro, fala aos anseios e às necessidades humanas; seja com apelo institucional, didático ou comercial.

O vídeo, nessa dimensão, precisa de referências. E não seríamos nós mesmos estas referências, ou o nosso cotidiano? O vídeo implica, inicialmente, sinais e apontamentos referenciais para, posteriormente, versar<sup>55</sup> conosco. Presume-se, então, que, para alcançar os intentos, deverá haver uma vida e/ou circunstância representada no vídeo que combine com cada pessoa telespectadora, com cada família telespectadora, ou com cada comunidade telespectadora. Veja o questionamento de Adam, a despeito desta lucubração:

Não assistimos apenas ao filme, mas participamos dele, envolvidos pela possibilidade de transcendência científica e religiosa, onírica e real, que exista enquanto o filme durar e mesmo após seu final. Somos outros, depois do filme.<sup>56</sup>

Existiria, entretanto, chance de trazer suporte a esta visão que enxerga no vídeo, este ente que interage e influência? Seguem registro e devidos apontamentos de Adam:

O cinema envolve a arte e o entretenimento, individualidades e convivência, realidade e fantasia, mito e vida particular, como talvez nenhuma outra manifestação da cultura popular o faz. Seu potencial de construção de sentido e vazão ao transcendente é tão imenso que vozes proféticas anunciam que a religião do futuro virá de Hollywood. Isso, de certa forma, comprova-se a partir de uma observação empírica: enquanto os cultos nas igrejas históricas se esvaziam aos domingos, as

---

<sup>54</sup> Vídeo representa, aqui, suas derivações mais comuns: produções visando à televisão e o cinema.

<sup>55</sup> Numa consulta simples à versão online do Dicionário Michaelis, dentre os possíveis significados para o termo “versar” encontra-se tanto “[...] Exercitar, manejar [...]” quanto “[...] Ter trato ou convivência; conviver [...]”. SIGNIFICADO de “versar”. Dicionário de português online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=versar>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>56</sup> ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012a. p. 559-560.

salas de cinema lotam (e as prateleiras das videolocadoras se esvaziam), nos diversos horários oferecidos ao longo da semana.<sup>57</sup>

E a ação deste suposto ente pode ser apresentada como criteriosa e capaz de agir de maneira persuasiva, trazendo em si argumentação e confrontação, ou seja, “[...] como meio e como conteúdo, trabalha de forma eficiente, implícita ou explicitamente [...]”<sup>58</sup>, faz alusão ao transcendente de maneira terminológica, também, lançando mão de “[...] um vocabulário religioso, invisível por vezes, em forma de dramas, mitos, perguntas existenciais na incansável busca humana por pertencimento, reconhecimento, orientação e sentido”.<sup>59</sup>

As circunstâncias do dia a dia, portanto, são transformadas em lugar comum para o vídeo (em seu enredo para filmes, novelas, comerciais e em nosso alvo de observação, nesta pesquisa: *sitcoms*); e este elenca e maneja bem o que nos é rotina, alegria e tristeza. O contato se estabelece, portanto, entre este ente e a pessoa telespectadora. E, ainda, na reflexão de Adam, atingindo espiritualidade, quando nos diz: “Não teria como ser diferente no que se refere à religião, à fé e à espiritualidade. Na tela de cinema, temos vivência e orientação religiosa de forma significativa, impactante e prazerosa, envoltas em uma história.”<sup>60</sup>

Dentro desta perspectiva, abordar-se-á a *sitcom* como uma linguagem que tem o seu espaço definido e que, presumidamente, vive este ciclo descrito acima. Pois,

Estamos vivenciando a religião que migrou para a esfera da cultura popular e para o cotidiano da vida. Paul Tillich, em sua obra “Teologia da Cultura”, já falava que a cultura – como produção humana em toda a sua riqueza e diversidade – seria já resultado não apenas da razão, mas também da religião e do espírito. O fenômeno que se observa hoje vai além das artes, literatura, filosofia e política, mas abrange a esfera popular e cotidiana da cultura. Na Alemanha, esse fenômeno é chamado de “gelebte Religion”, ou seja, religião vivida.<sup>61</sup>

Veremos, assim, algumas definições e importantes elementos para que se provoque e se comprove a suspeição de que o vídeo, em suas diversas manifestações e gêneros, “[...] envolve arte e entretenimento, individualidades e convivência, realidade e

<sup>57</sup> ADAM, 2012a, p. 554.

<sup>58</sup> ADAM, 2012a, p. 555.

<sup>59</sup> ADAM, 2012a, p. 555.

<sup>60</sup> ADAM, 2012a, p. 555.

<sup>61</sup> ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como vivência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, jan./jun. 2010. p. 104.

fantasia, mito e vida particular, como talvez nenhuma outra manifestação da cultura popular o faz”.<sup>62</sup>

## 2.1 – O conceito de uma *sitcom*

Dentre a variedade de gêneros que recheiam a programação de TV, uma tem conseguido tornar telespectadores em consumidores fiéis. O termo talvez seja desconhecido, ainda, do grande público; mas seu produto final não. Conhecida em terras brasileiras simplesmente como *séries de TV*, tem dentre suas variantes a *sitcom*.<sup>63</sup> Acessando conhecidos dicionários online em busca da definição popular para o termo *sitcom*, depara-se com seguinte conceito: “Estilo de comédias produzidas em série para a televisão e que apresentam cenas da vida cotidiana.”<sup>64</sup>

Nomeada a partir da contração do termo em inglês *situation comedy*; ou, como registra Aronchi de Souza, “*Sitcom*: redução de *situation comedy* (comédia de situações cotidianas). A tradução mais correta para o português é ‘comédia de costumes’”<sup>65</sup> e traz basicamente a reprodução do cotidiano como mote de seu enredo e forte apelo humorístico. Encontrar literatura nacional dando conta do tema não é fácil. Parece, ainda, alvo de pesquisa e passível de maior documentação. Mas graças à pesquisa registrada em duas obras em língua portuguesa<sup>66</sup>, entretanto, é possível lançar base suficiente para esta pesquisa. Uma destas literaturas, tida como das principais referências em seu meio, abrange a catalogação de gêneros e formatos na televisão brasileira.

Para que se tenha uma visão panorâmica e, também, local sobre o gênero denominado *sitcom*, lança-se mão de literatura que elenca gêneros e formatos a partir da televisão brasileira; perceba, então, o registro de Aronchi de Souza:

Os programas do gênero *sitcom* são os dois braços do corpo formado pelo humorismo: em um, carrega o humor; no outro, a teledramaturgia. O *sitcom* é o gênero mais enraizado na cultura americana – um tipo de humor que utiliza a teledramaturgia para apresentar em situações cômicas os costumes dos cidadãos. A

<sup>62</sup> ADAM, 2010, p. 106.

<sup>63</sup> Redução para o termo em inglês “Situation Comedy”.

<sup>64</sup> DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sitcom>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>65</sup> SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004. p. 68.

<sup>66</sup> “Gêneros e formatos na televisão brasileira” de José Carlos Aronchi de Souza (Summus editorial) e “Sitcoms: definição e história” de Fernanda Furquim (FCF Editora).

comediante americana Lucille Ball alcançou sucesso com o pioneiro *I love Lucy* (CBS, 1951), que influenciou de maneira significativa os programas brasileiros do gênero, como *Família Trappo* (Record). A fórmula é mostrar cenas do cotidiano familiar com exagero das personagens [...].<sup>67</sup>

E, quanto ao formato, o mesmo autor também registra:

A produção de uma *sitcom* prevê a contratação de um elenco fixo e construção de cenários, e por isso apresenta um custo elevado que deve ser diluído em uma série de programas, gerando economia de escala. Nesse aspecto, o formato ‘série’ pode ser classificado também como ‘capítulo’, que pode alavancar uma audiência cativa e também os telespectadores ocasionais. Por isso, se trata de dois formatos muito semelhantes. No Brasil, o gênero também utiliza esquetes de humor de curta duração. A TV brasileira mostra que se adaptou ao gênero de maior sucesso nos Estados Unidos, que ganha o mundo também no formato filme.<sup>68</sup>

Esta última literatura de referência relata, ainda, o valor da TV no cotidiano. E, tanto na cultura brasileira quanto na norte-americana, pode-se dizer que a TV versa<sup>69</sup> com o telespectador, conforme Aronchi de Souza:

Os Estados Unidos e o Brasil formam as duas maiores culturas do mundo orientadas pela televisão. O Brasil é o terceiro maior mercado mundial de consumo de aparelhos de TV, e em primeiro estão os Estados Unidos. Nos dois países, o meio existe principalmente para o entretenimento. Esta categoria dá o perfil dos gêneros de maior sucesso.<sup>70</sup>

Pode-se supor, diante deste registro, um fluxo bidirecional de influência cultural que ocorre a partir do seguinte posicionamento de Aronchi de Souza: “os programas que têm maior popularidade nos Estados Unidos são as comédias de costumes [...]”.<sup>71</sup> Pensemos, então, neste fluxo bidirecional: buscar no cotidiano elementos para o enredo de uma *sitcom* e, posteriormente, possibilitar influência neste mesmo cotidiano, a partir da assistência em massa de sua própria cultura, gerando um ciclo autoalimentado; voltamos, assim, à máxima exposta em música pelo grupo Engenheiros do Hawaii, “[...] a vida imita o vídeo [...]”.<sup>72</sup>

<sup>67</sup> SOUZA, 2004, p. 135-136.

<sup>68</sup> SOUZA, 2004, p. 136-137.

<sup>69</sup> A partir dos significados para o verbo *versar*: “[...] Exercitar, manejar [...]”, e “[...] Ter trato ou convivência; conviver [...]”. SIGNIFICADO de “versar”. Dicionário de Português Online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=versar>>. Acesso em: jan. 2014. Sugere-se, para esta pesquisa, que a TV possa ser um elemento que convive com o telespectador com tamanha intensidade a ponto de exercitá-lo, manejá-lo.

<sup>70</sup> SOUZA, 2004, p. 68.

<sup>71</sup> SOUZA, 2004, p. 69.

<sup>72</sup> Trecho da letra de “Somos quem podemos ser”, de Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii). GESSINGER, Humberto. Somos quem podemos ser. Uol. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/discos/letras/somos.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

Reforça-se, taxativamente, uma possibilidade para a bidirecionalidade entre o real e a representação do real.

## 2.2 – A *sitcom Friends*

É bastante natural imaginar a cena de alguém em uma locadora escolhendo um filme para locação ou mesmo comprando-o; e para inteirar-se sobre o mesmo, a dedicação de um breve momento de atenção à sinopse<sup>73</sup> que dá conta do conteúdo deste. Assim, propomos que a pesquisa, neste ponto, se apresente como uma sinopse, um resumo, uma breve descrição, com a finalidade de ambientar. Duas motivações para tanto: no entendimento particular do autor desta pesquisa, seria necessária uma verificação, dedicando um bom tempo assistindo à série em todas as suas temporadas, em função da sequência em si e, também, das múltiplas linguagens impostas pela inusitada fonte (texto, música, imagem; tudo junto, em sequência e correlacionado): algo não muito prático, num primeiro momento. E, segundo, constatou-se pequeníssima documentação fazendo menção à série; exceto em sites relacionados ao contexto do entretenimento e uma única literatura (nacional) específica em *sitcoms*.<sup>74</sup> Assim, optou-se por abreviar a descrição da mesma, condensando-a e tornando-a – minimamente – compreensível para quem, porventura, a desconheça; mas num formato conhecido: sinopse. O desejo, no entanto, é que se possa expô-la de forma a permitir o confronto de ideias desejado para esta pesquisa.

### 2.2.1 – Uma sinopse espiritual para a *sitcom Friends*

Antes de explorar o universo da *sitcom Friends*, podemos ambientar o contexto que a antecedia, conforme Furquim, a “década de 90 voltou-se para a cultura jovem.”<sup>75</sup> Até então, segundo a jornalista, “nunca foram produzidas tantas séries para este público quanto agora. Isto significa dizer que os olhos desta indústria passam a perceber um novo público alvo e, conseqüentemente, uma necessidade de falar com novas e novos interlocutores. Ratificando tal percepção se dá pelo investimento financeiro em publicidade para atingir tal público, o que girou na casa dos bilhões de dólares.”<sup>76</sup>

<sup>73</sup> “Descrição abreviada” ou “Visão de conjunto”. SIGNIFICADO de “sinopse”. Dicionário de Português Online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=sinopse>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>74</sup> FURQUIM, Fernanda. **Sitcoms**: definição e história. Porto Alegre: FCF Editora, 1999.

<sup>75</sup> FURQUIM, 1999, p. 68.

<sup>76</sup> FURQUIM, 1999, p. 68.

Mas do que trata a série? Em resumo, pode se dizer que “Friends é

[...] composta por um grupo de seis amigos dos quais quatro vivem no mesmo prédio, ao menos de início. Em plena era da AIDS vemos seis jovens com seus relacionamentos amorosos conturbados que os fazem pular de parceiro para outro em busca de amor, estabilidade emocional e satisfação pessoal. A visão cínica mas ingênua da vida, as infundáveis tentativas de conquistar seus sonhos, as quais os levam a frustrações e desilusões, são as mesmas (com outros parâmetros) dos jovens dos anos 60. A maioria das ações se passa em dos apartamentos ou na cafeteria, ponto de encontro do grupo. A visão que temos de todos agrupados em um único local dá a impressão ao telespectador que não acompanha a cada episódio, de que os seis amigos vivem em uma única casa, a qual, por sua vez, formaria uma comunidade afastada da sociedade adulta e de suas regras.<sup>77</sup>

Ainda na tentativa de expor o que há por trás do enredo da *sitcom Friends*, podemos pensar na cultura norte americana quanto ao momento e as motivações em que adolescentes deixam as suas casas. Em relação ao ingresso na rotina universitária, “a maioria não escolhe a Universidade, ela escolhe seu alunos através de seu desempenho escolar.”<sup>78</sup> O que significa dizer que, em algumas ocasiões, “o jovem pode ir estudar em uma cidade localizada no outro lado do país sendo forçado a deixar seu lar e morar no campus.”<sup>79</sup>, perdendo, em parte, significativas referências: família, amigos, locais.

Outro ponto relevante para o jovem norte-americano que deixa o lar é a questão da independência financeira, “a qual é alcançada com um emprego, ou um casamento”.<sup>80</sup> Isto se coloca como condição primordial no desafio de levar a própria vida e uma realidade a ser encarada é a questão de moradia, “o recurso do apartamento comunitário torna-se uma experiência financeiramente mais viável para muitos jovens [...]”.<sup>81</sup> Esta representação da realidade comum a muitos jovens norte-americanos fez da série um espelho da realidade, pois conseguiu “[...] reproduzir os interesses dos jovens americanos”.<sup>82</sup>

A figura de pai e/ou mãe é eliminada e transferida “aos amigos a tarefa de ajudar aquele indivíduo que estiver com problemas emocionais, psicológicos ou físicos”.<sup>83</sup> Entretanto, quando precisam de orientação e referência baseada em experiência de vida,

<sup>77</sup> FURQUIM, 1999, p. 68.

<sup>78</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

<sup>79</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

<sup>80</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

<sup>81</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

<sup>82</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

<sup>83</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

sofrem, e sofrem justamente por um dos motivos que os aproxima, a mesma faixa etária. Nestas situações, “os amigos, ou *Friends*, não servem como substitutos dos pais/adultos”.<sup>84</sup> Reconhecem, em algumas situações, que a função paterna/materna “de ajudar seus filhos em cada etapa de suas vidas (vivendo juntos ou não)” se estende além do viver sob o mesmo teto. Este confronto e respectivo processo de conscientização faz-se oportuno na medida em que os desafios da vida aumentam: namoro, noivado, casamento, filhos, etc.

Até aqui, temos uma abordagem descritiva, mas com algum tom crítico por parte da fonte utilizada.<sup>85</sup> Daqui em diante, como contraponto, deseja-se expor a visão de caráter institucional/comercial relativo à série. Assim apresenta o site da WarnerChannel.com (Brasil) a *sitcom Friends*, dando ênfase ao seu elenco principal, inicialmente; e, logo, descrevendo sua condição de grupo: “Ross (David Schwimmer), Rachel (Jennifer Aniston), Mônica (Courtney Cox), Chandler (Matthew Perry), Joey (Matt LeBlanc) e Phoebe (Lisa Kudrow) formam um grupo de seis amigos que lutam para se sobressair e progredir na competitiva cidade de New York”.<sup>86</sup> Em seguida, uma descrição sucinta para qualificar e caracterizar o perfil do grupo na *sitcom*: “Seu humor inteligente e apoio mútuo incondicional<sup>87</sup> fazem com que sua amizade seja cada vez mais forte, superando assim todos os obstáculos que a vida lhes apresenta”.<sup>88</sup> As temáticas visitadas, em cada temporada, são abordadas, também, nesta sinopse: “Trabalho, família, responsabilidade, dinheiro, sexo, compromisso e, sobretudo amor e amizade, são alguns dos temas que preocupam e às vezes divertem esses personagens”.<sup>89</sup>

Para ambientar quanto aos locais que representam o cotidiano da *sitcom*, tem-se neste registro uma das mensagens de convivência do grupo: “Não foi a [*sic*] toa que o sofá do Central Perk, o café<sup>90</sup> onde se reúnem para conversar, foi trocado duas vezes por excesso de

<sup>84</sup> FURQUIM, 1999, p. 69.

<sup>85</sup> FURQUIM, 1999.

<sup>86</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>87</sup> A mutualidade é uma das características na *sitcom Friends* que vai se fortalecendo e contagiando a cada nova temporada.

<sup>88</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>89</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>90</sup> A cafeteria “Central Perk” é um dos espaços em que o encontro do grupo ocorre.



uso, mesmo que eles só o usem para sentar”.<sup>91</sup> O nível de vínculo que se estabelece com o telespectador é apontado como um dos diferenciais: “Milhares de aventuras e reveses são compartilhados por estes simpáticos jovens, em uma série que é vista em todo o mundo por tantos adeptos, ou melhor por tantos ‘viciados’<sup>92</sup>, que não admitem a ideia de perder um só episódio desta famosa comédia”.<sup>93</sup> A extensão, a dimensão, a conquista e o alcance global da *sitcom* são, também, citados: “Esta série foi filmada por dez temporadas conquistando um sucesso após o outro. Não há um só canto no mundo onde não se conheça este fenômeno da televisão que prende a atenção de homens e mulheres de todas as idades.”<sup>94</sup>

Dentre os itens que apresentam a reverberação da *sitcom*, um breve destaque para a linguagem musical: “Sua trilha sonora promocional, ‘*I’ll Be There for You*’ (*Rembrandts*), é tão famosa quanto o programa. É que sua mensagem e o refrão<sup>95</sup> da música definem perfeitamente o significado da existência<sup>96</sup> desta série.”<sup>97</sup>

E, para findar esta breve apresentação no formato de sinopse, uma listagem de celebridades do meio artístico que fizeram presença na *sitcom*; assim se quantifica o sucesso e a atração que a mesma acabou por ter dentro de seu meio:

Alguns convidados famosos da série são: George Clooney, Helen Hunt, Brooke Shields, Jean Claude Van-Damme, Tom Selleck, Julia Roberts, Charlie Sheen, Ben Stiller, Robin Williams, Charlton Heston, Bruce Willis, Susan Sarandon, Brad Pitt, Sean Penn, Alec Baldwin e Christina Applegate, entre outros.<sup>98</sup>

<sup>91</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>92</sup> Pode-se deduzir, diante do termo usado, o forte vínculo que se estabelece entre telespectadoras e telespectadores e a “sitcom Friends”.

<sup>93</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>94</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>95</sup> Refrão citado: “I’ll be there for you / (When the rain starts to fall) / I’ll be there for you / (Like I’ve been there before) / I’ll be there for you / (‘Cause you’re there for me too)”. I’ll be there for you, The Rembrandts. Disponível em: <<http://letras.mus.br/rembrandts/33593/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>96</sup> O desafio (e quem sabe, pode-se dizer, a necessidade) de cada uma das seis principais personagens da “sitcom Friends” é o de permanecer juntos. Entretanto, a convivência traz os seus desafios; mas a superação destes fortalece a amizade e os encaminha para algo mais profundo: um nível de comunhão tão sólido e lúcido que muitas comunidades espirituais, comunidades de fé – não raro – almejavam tê-lo, também.

<sup>97</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>98</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

Para uma leitura linear da sinopse (sem comentários) em seu formato de apresentação original e na íntegra, eis o texto:

Ross (David Schwimmer), Rachel (Jennifer Aniston), Mônica (Courtney Cox), Chandler (Matthew Perry), Joey (Matt LeBlanc) e Phoebe (Lisa Kudrow) formam um grupo de seis amigos que lutam para se sobressair e progredir na competitiva cidade de New York. Seu humor inteligente e apoio mútuo incondicional fazem com que sua amizade seja cada vez mais forte, superando assim todos os obstáculos que a vida lhes apresenta.

Trabalho, família, responsabilidade, dinheiro, sexo, compromisso e, sobretudo amor e amizade, são alguns dos temas que preocupam e às vezes divertem esses personagens. Não foi a [sic] toa que o sofá do Central Perk, o café onde se reúnem para conversar, foi trocado duas vezes por excesso de uso, mesmo que eles só o usem para sentar.

Milhares de aventuras e reveses são compartilhados por estes simpáticos jovens, em uma série que é vista em todo o mundo por tantos adeptos, ou melhor por tantos 'viciados', que não admitem a ideia de perder um só episódio desta famosa comédia. Esta série foi filmada por dez temporadas conquistando um sucesso após o outro.

Não há um só canto no mundo onde não se conheça este fenômeno da televisão que prende a atenção de homens e mulheres de todas as idades. Sua trilha sonora promocional, 'I'll Be There for You' (Rembrandts), é tão famosa quanto o programa. É que sua mensagem e o refrão da música definem perfeitamente o significado da existência desta série.

Alguns convidados famosos da série são: George Clooney, Helen Hunt, Brooke Shields, Jean Claude Van-Damme, Tom Selleck, Julia Roberts, Charlie Sheen, Ben Stiller, Robin Williams, Charlton Heston, Bruce Willis, Susan Sarandon, Brad Pitt, Sean Penn, Alec Baldwin e Christina Applegate, entre outros.<sup>99</sup>

Dada a relevância apontada para a música promocional da *sitcom* e a referida menção de que esta englobaria a mensagem central da *sitcom Friends*, entende-se que cabe o registro, aqui, da letra da música tema "I'll Be There for You" (*The Rembrandts*):

#### **Eu Estarei Lá Por Você**

Então ninguém lhe disse que a sua vida seria desse jeito  
Seu trabalho é uma piada  
Você está sem grana  
A sua vida amorosa é um fiasco  
É como se você sempre estivesse emperrado na 2ª marcha  
Quando não tem sido seu dia  
Sua semana, seu mês  
Ou até mesmo seu ano, mas...

(refrão)

Eu estarei lá por você  
(Quando começar chover [sic])  
Eu estarei lá por você

<sup>99</sup> FRIENDS. Warner Channel TV Brasil - Séries. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

(Como estive lá antes)  
 Eu estarei lá por você  
 (Porque você também esteve lá por mim)

Você ainda na cama às 10  
 E o trabalho começou às 8  
 Você queimou seu café da manhã  
 As coisas indo bem  
 Sua mãe lhe avisou que haveria dias assim  
 Porém ela não lhe disse quando  
 O mundo te levaria a ficar de joelhos

(Refrão)  
 Eu estarei lá por você  
 (Quando começar chover [sic])  
 Eu estarei lá por você  
 (Como estive lá antes)  
 Eu estarei lá por você  
 (Porque você também esteve lá por mim)

Ninguém nunca poderia me conhecer  
 Ninguém nunca poderia me ver  
 Já que você é o único que sabe  
 Como é ser como eu  
 Alguém para encarar o dia junto  
 Para atravessar a bagunça junto  
 Alguém com quem vou sempre rir,  
 Mesmo no meu pior, sou melhor com você  
 Yeah!

É como se você estivesse sempre emperrado na 2ª marcha  
 Quando não foi seu dia  
 Sua semana, seu mês  
 Ou até mesmo seu ano...

(refrão)  
 Eu estarei lá por você  
 (Quando começar chover [sic])  
 Eu estarei lá por você  
 (Como estive lá antes)  
 Eu estarei lá por você  
 (Porque você também esteve lá por mim)

Eu estarei lá por você  
 Eu estarei lá por você

Eu estarei lá por você  
 (Porque você também esteve lá por mim).<sup>100</sup>

Seja, então, a partir de uma visão de historicidade<sup>101</sup> ou, mesmo, em uma apresentação oficial de caráter institucional/comercial, pode-se perceber que o enredo da *sitcom Friends* trata de elementos comuns as tensões, crises e alegrias relativas ao contexto

<sup>100</sup> I'LL be there for you, The Rembrandts – tradução: Eu estarei lá por você. Disponível em: <<http://letras.mus.br/rembrandts/33593/traducao.html>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>101</sup> Tendo como referência a pesquisa de uma jornalista: FURQUIM, Fernanda. *Sitcoms: definição e história*. Porto Alegre: FCF Editora, 1999.

urbano (neste caso, envolvendo um grupo de jovens adultos). O impacto cultural precisa ser encarado, portanto; a *sitcom Friends* estabelece alguns parâmetros invejáveis no mercado do entretenimento. É uma das séries que alcança marcas como: “O sucesso de público e de crítica [...] foram 63 indicações para o *Emmy*, e os 236 episódios causaram impacto cultural inegável em toda uma geração.”<sup>102</sup>

Parte da história por trás do enredo da *sitcom Friends* busca referências em experiências pessoais de uma de suas cocriadoras.<sup>103</sup> Observe trecho de entrevista com uma das cocriadoras da *sitcom Friends*:

Época - De que forma a realidade a ajudou na construção de *Friends*?  
Marta - Realidade é a única inspiração para a série. Eu e os outros autores usávamos nós mesmos e nossas experiências para criar as histórias. Ao passar por alguma situação engraçada, nos perguntávamos, por exemplo: "O que a Mônica faria se isso acontecesse a ela? E o Chandler?". Muitas histórias foram feitas assim. Além disso, *Friends* também fala sobre o momento em que o jovem sai da faculdade e começa a investir na carreira e na vida adulta. Nesse momento, os amigos se tornam a família. Esse é o coração do programa e por esse motivo a série acabou. Porque os amigos começaram a se casar e fazer suas próprias famílias. Os jovens hoje ainda saem de casa para ir para a faculdade. Eles ganham seus quatro anos de liberdade e experiência na faculdade e depois percebem que não conseguem emprego, não têm dinheiro e voltam para a dos pais. E esse novo quadro da economia mudaria toda a história de *Friends*.<sup>104</sup>

Isto ajuda, provavelmente, a dar sentido e a promover ou a reproduzir circunstâncias que aproximam a história das histórias das pessoas telespectadoras do seriado norte-americano. Outra relevante série corrobora com esta característica. A *sitcom Seinfeld* possui uma característica comum à *sitcom Friends*, no tocante ao enredo absorver parte da história pessoal de seus autores/criadores/diretores. Veja o relato na Revista Bravo, referindo-se ao apreço pessoal de entrevistado pela *sitcom Seinfeld*:

A série despediu-se no fim dos anos 90 com mais de 50 milhões de espectadores. Muito do que o autor Larry David viveu na juventude, como motorista de limusine e faz-tudo, está presente nos capítulos, principalmente no personagem George Costanza. A posterior reunião do elenco de *Seinfeld* na sétima temporada de *Curb Your Enthusiasm*, protagonizado por David, foi um show à parte. O criador

<sup>102</sup> “DEZ anos de saudades da série friends”. **Exame.com**. [s/l], 10 fev. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/dez-anos-de-saudades-da-serie-friends?page=1>>. Acesso em: fev. 2014.

<sup>103</sup> “MARTA kauffman: ‘se 'Friends' voltasse, seria decepcionante’”. **Época**, São Paulo, 07 mai. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/cultura/noticia/2013/05/marta-kauffman-se-friends-voltasse-seria-decepcionante.html>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>104</sup> “MARTA kauffman: ‘se 'Friends' voltasse, seria decepcionante’”. **Época**, São Paulo, 07 mai. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/cultura/noticia/2013/05/marta-kauffman-se-friends-voltasse-seria-decepcionante.html>>. Acesso em: jan. 2014.

mostrou-se sábio ao realizar o tão sonhado reencontro em outro seriado. É de bater palmas.<sup>105</sup>

Constatação que reforça esta troca de experiências entre o real e a representação do real. Uma das características que pode aproximar estas produções da pessoa que assiste é a possibilidade de identificação, ou seja, a pessoa telespectadora pode se ver e/ou se perceber nas condições e circunstâncias expostas e, assim, estabelecer os vínculos que a aproximarão desta ou daquela *sitcom*.

Obviamente, não seria possível dimensionar os benefícios provocados neste processo. Mas, tal qual em uma dinâmica de grupo, em que podemos sentir alívio por ouvir relatos que combinam com os nossos e perceber, assim, que outras pessoas sofrem o que sofremos, ou melhor, ainda, quando entre amizades, como afirma Boff:

Cuidar das amizades é se preocupar com a vida, as penas e as alegrias do amigo e da amiga. É oferecer-lhe um ombro quando a vulnerabilidade o visita e o desconsolo lhe rouba as estrelas-guia. É no sofrimento e no fracasso existencial, profissional ou amoroso que se comprovam os verdadeiros amigos.<sup>106</sup>

Neste sentido, uma produção desta ordem e com esta influência cultural poderia ser percebida como este “ombro”, citado por Boff. Virtual, neste caso, mas próximo pelas circunstâncias semelhantes da realidade de quem vê.

---

<sup>105</sup> REVISTA BRAVO. São Paulo: Abril, 189, ed. mai. 2013. p. 94.

<sup>106</sup> BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 154.

### **3. ESPIRITUALIDADE IMPLÍCITA, EXPLÍCITA E MANIFESTA NA SITCOM**

#### ***FRIENDS***

#### **3.1 – Espiritualidade implícita e explícita na *sitcom Friends*: rastros da fé sobrevivente; formalidades e legado religioso**

Na tentativa de conceituar uma espiritualidade implícita, queremos trazer a tona que a espiritualidade é algo inerente em toda a pessoa. Tal qual o desejo, já mencionado, para com o transcendente. Demanda que necessita de respostas quando o concreto é incapaz de fornecer. Faria referência à espiritualidade implícita, e para fins desta pesquisa, aquelas lembranças, mesmo que vagas, de uma vivência espiritual familiar e/ou cultural: a execução de um gesto religioso (sinal da cruz, por exemplo); a afirmação de uma bênção, o acender de uma vela ou incenso, uma música, um poema; algo, enfim, de uso isolado e sem a necessidade de vínculo/compromisso do indivíduo em questão com respectiva tradição de fé da qual o gesto ou afirmação se origina. Algo semelhante a um resquício, um rastro de fé, uma pista para algo que tenha sido, em outras épocas e pessoas, mais elaborado e vinculado a uma determinada tradição religiosa. A espiritualidade implícita, portanto, será citada com um tom místico, sincretista e alienado de tradição originária.

Diante deste algo mais elaborado e, conscientemente, vinculado a uma determinada tradição religiosa, chega-se ao que propomos chamar espiritualidade explícita, ou seja, a execução de gestos e prática de rotinas e afirmações não alienadas para com a sua tradição promulgante. Assim, o indivíduo que vive esta espiritualidade estaria repetindo – intencionalmente – algo que teria recebido de sua família, comunidade e/ou cultura (batizar um filho, *Bar Mitzváh*, celebrar o Natal ou o *Chanucá*, por exemplo). A espiritualidade explícita seria resultante de um legado familiar, comunitário ou cultural, com as suas respectivas formalidades bem definidas e – minimamente – organizadas de acordo com sua trajetória histórica e tradição originária.

A partir de então, pretende-se apontar e introduzir – brevemente – sinais destas espiritualidades (implícita e explícita) na *sitcom Friends*. Pois, vez que outra, a *sitcom* deixa registros simbólicos de uma espiritualidade que alcançou ou alcança suas personagens e enredo. Por vezes, de forma clara; noutras, de forma nebulosa ou velada. Algumas destas personagens trazem consigo a experiência religiosa de família, reproduzindo ou replicando

esta; outras trazem uma vivência que envolve mescla de experiências, envolvendo desde o tradicional, alcançando tons de caráter esotérico e mágico, também. Vejamos, então, alguns exemplos tomados da *sitcom Friends* que expressariam uma ou outra destas duas espiritualidades, ou, ainda, esboçando outra, a ser vista e considerada no próximo capítulo:

Ross e Monica são irmãos – na *sitcom* – e vêm de uma tradição judaica. Para ele, a necessidade de vivência espiritual torna-se necessária quando se percebe na condição de pai, confrontado – provavelmente – pelo pensamento de repassar aquilo que recebeu dos seus. Em um dos episódios<sup>107</sup> da *sitcom*, Ross se vê diante do desafio de fazer seu filho Ben saber que, além do Natal, existe – também – o *Chanucá*<sup>108</sup>, que seria, literalmente, “[...] dedicação ou consagração. Feriado religioso de oito dias que comemora a reconsagração do Templo de Jerusalém após este ter sido profanado pelos grego-selêucidas”.<sup>109</sup>

Monica, por sua vez, não parece manter vínculo tão forte com a tradição espiritual de sua família. Em um dos momentos mais especiais para ela, diante de uma escolha de caráter espiritual, quando se depara com a necessidade da escolha de quem exercerá função sacerdotal para officiar a cerimônia de seu casamento com Chandler, todas as regras previsíveis são quebradas e Joey, melhor amigo de Chandler, inusitadamente, é escolhido para a função. Joey, de ascendência italiana e de família – presumidamente – católica, vive o seu momento mais marcante de espiritualidade, buscando “qualificar-se” oficialmente para a situação e é licenciado, pela internet, para officiar a cerimônia.<sup>110</sup>

<sup>107</sup> “Em *The One With the Holiday Armadillo*, (“Aquele com o Tatu Natalino”), Ross (David Schwimmer) decide que chegou a hora de passar para o seu filho Ben (Cole Sprouse) um pouco de sua origem judaica, ensinando-o a respeito do Chanucá. No entanto, quando o menino se mostra apenas interessado no Papai Noel e nos presentes que ele traz, Ross vai atrás de uma fantasia do bom velhinho, mas só consegue uma de tatu. O episódio prossegue com a invenção do “Tatu Natalino” por Ross, que, ao finalmente prender a atenção de Ben sobre a origem do feriado judaico, é forçado a encaixar o Papai Noel e até o Super-Homem na história.” **Mundo Estranho**. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/tag/friends/>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>108</sup> BLECH, Benjamin. **O mais completo guia sobre judaísmo**. São Paulo: Sêfer, 2004. p. 194. Eis uma breve apresentação sobre este elemento da espiritualidade judaica: “Não, não, não, mil vezes não, Chanucá não é o Natal judaico, mesmo que geralmente seja celebrado na mesma época. Na verdade, o dia do mês é idêntico – o Natal é no dia 25 de dezembro e Chanucá, no dia 25 de Kislêv. É verdade também que entre todas as festas judaicas, muitos judeus que vivem em países cristãos tornaram Chanucá a mais comemorada; afinal de contas, não queremos que nossos filhos sintam-se alienados quando todas as outras crianças estão recebendo presentes. Como o Natal, Chanucá sofre do mesmo mal: tornou-se uma data excessivamente comercial. Todavia, Chanucá veio antes do Natal e, ironicamente, sua mensagem principal é que os judeus não devem assimilar ou imitar práticas religiosas dos seus vizinhos!”

<sup>109</sup> BLECH, 2004, p. 429.

<sup>110</sup> FRIENDS. (7ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (528 min.), fullscreen, colorido.

Este é o ápice da vivência espiritual para Chandler, também. Para ele, a escolha daquela pessoa que iria officiar o seu casamento passou a ter valor quando a amizade e a comunhão com o seu melhor amigo passaram a caracterizar o oficiante, dando uma dimensão nova a este momento de bênção matrimonial. Assim, percebe-se expressões de espiritualidade em um dos momentos decisivos da jornada que passam como amigos.

A personagem Phoebe vivencia de forma bastante declarada o envolvimento com o transcendente, no formato mais eclético e sincretista, lançando mão de diversas origens, do esoterismo à magia; citando vidas passadas, inclusive. Todos a percebem como “estranha”, neste sentido, mas a acolhem, igualmente. Na verdade, em alguns momentos, ela consegue alguma influência sobre Rachel e Monica com alguns rituais e, também, com Joey, eventualmente.

Rachel parece ter a menor expressão de alguma espiritualidade. E, para o grupo, um dos momentos importantes se dá na comemoração do dia de Ações de Graças, pois vivem – simbolicamente – a gratidão (louvor?) diante daquilo ou daquele que mantém a sua comunhão; celebram, enfim, a amizade: o estar e o permanecer juntos e unidos.

### **3.2 – Espiritualidade manifesta na *sitcom Friends*: juntos e unidos, da amizade ao casamento**

Antes de qualquer coisa, faz-se necessário relembrar parte da exposição ao final do primeiro capítulo, onde tentamos delinear o conceito de espiritualidade manifesta. Desde ali, já citou-se alguns termos relevantes e que indicam a base desta proposta de espiritualidade: o agir intencional, em especial nos contextos urbanos, e que contemple a linguagem da hospitalidade, da convivência e da comensalidade. Estes são termos vitais para esta espiritualidade. Assim, a acolhida (hospitalidade), a coexistência (convivência) e o comer e o beber juntos (comensalidade) formarão os sinais para vislumbrar, tatear e indicar a vivência da espiritualidade manifesta. Mas o valor desta será confirmado quando ocorrer em benefício das interações relacionais e na manutenção destas, principalmente, em ambiente urbano.



Por mais inusitado que possa parecer, a vinculação de um perfil de pensamento (teológico, sociológico, psicológico, etc.) à indústria do entretenimento (ou a quaisquer outros aspectos representativos da cultura artística) não é uma novidade, tampouco uma invenção acadêmica. Pode-se supor, em um exercício de reflexão e análise, que, desde o proceder didático de Cristo ou do apóstolo Paulo, por exemplo, já se podia vislumbrar este modo de estabelecer meios de vinculação entre ideias de base bíblica com a arte e a realidade específica de cada pessoa interlocutora. Cristo ensinando e compartilhando ideias a partir de analogias e metáforas como algumas conhecidas parábolas, entre tantas outras: “O semeador”,<sup>111</sup> “O grão de mostarda”,<sup>112</sup> “A figueira estéril”,<sup>113</sup> “A ovelha perdida”,<sup>114</sup> “O filho pródigo”,<sup>115</sup> ou, ainda, a conhecidíssima história sobre “O bom samaritano”,<sup>116</sup> não nos remeteria à linguagem poética ou à contação de histórias?

Em explanações do apóstolo Paulo pode-se perceber este zelo e cuidado para olhar e ver ao seu redor os meios de comunicar e contextualizar, ou mesmo, ver os temas bíblicos já contextualizados e impregnados no cotidiano. Em Atos 17.28, por exemplo, lemos texto no qual Paulo cita e faz uso de seu saber e conhecimento relativo à expressão artística e cultural de seus interlocutores: “‘Pois nele vivemos, nos movemos e existimos’, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele’.”<sup>117</sup>

[...] Há duas citações aqui: 1) “nele vivemos, nos movemos e existimos”, do poeta cretense Epimênides (c. 600 a.C.), em sua *Cretica*, e 2) “somos descendência dele”, do poeta Arato (c. 315-240), em seu *Fenômenos*, bem como de Cleanto (331-233) no seu *Hino a Zeus*. Paulo também cita poetas gregos em outros lugares (v. 1Co 15.33; Tt 1.12 e notas).<sup>118</sup>

Ele percebe – em seu meio – oportunidade de interação com a mensagem bíblica e verificação desta ao seu redor, na cultura e no cotidiano. Outro texto bíblico (1Co 9.19-23) enfatiza a perspectiva e o esforço de Paulo para tanto,

Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei

<sup>111</sup> RYRIE, Charles C. **A Bíblia anotada**: edição expandida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. p. 929.

<sup>112</sup> RYRIE. 2007, p. 929.

<sup>113</sup> RYRIE. 2007, p. 929.

<sup>114</sup> RYRIE. 2007, p. 929.

<sup>115</sup> RYRIE. 2007, p. 929.

<sup>116</sup> RYRIE. 2007, p. 929.

<sup>117</sup> **BÍBLIA de estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003. p. 1891.

<sup>118</sup> **BÍBLIA**, 2003, p. 1891.

(embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei); a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo); a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser co-participante dele.<sup>119</sup>

Assim, desde primeiros registros sobre Cristo e a igreja nascente aos dias recentes, supomos esta possibilidade, a chance de verificar ao redor, na cultura e no cotidiano, uma espiritualidade manifesta, que ocorre e que – não raro – combina, também, com preceitos bíblicos.

O desejo central desta pesquisa é o de proporcionar um diálogo entre uma representação da realidade em ambiente urbano (através da *sitcom Friends*) com a ótica de Leonardo Boff no tocante à espiritualidade. Assim, se fosse possível esboçar uma visão disto, proporia alguém diante da TV, assistindo episódios da *sitcom Friends* e com textos de Boff em mãos. Melhor, ainda, alguém sentado junto de Boff, ambos assistindo ao famoso seriado e lançando suas percepções em um amistoso diálogo, cheio de interesse para reconhecer pontos de correlação entre o que pensa, diz e escreve o teólogo e o que descreve a série em áudio, imagem e movimento. Especificamente, pela leitura de *Virtudes para um outro mundo possível*, se procurará fazer esta inusitada dinâmica.

### 3.2.1 – Hospitalidade em *Friends*

Ao ingressar no mundo da *sitcom Friends*, rapidamente percebe-se que os principais espaços da série existem para a acolhida e para a partilha e aqui, nesta pesquisa, verifica-se amparo teórico defronte ao desejo almejado pelo teólogo e escritor Leonardo Boff: “Todos devemos alimentar a hospitalidade de uns para com os outros, pois, como dizem as Escrituras judaico-cristãs, todos somos hóspedes nesta Terra e não temos aqui morada permanente.”<sup>120</sup> Boff salienta, ainda, que devemos “[...] forçosamente, viver a convivência uns com os outros, porquanto moramos na mesma Casa Comum. E não temos outra para morar”.<sup>121</sup> Na *sitcom Friends*, percebe-se este esforço para a acolhida e para hospitalidade como algo necessário, latente.

<sup>119</sup> BÍBLIA, 2003, p. 1966.

<sup>120</sup> BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 14.

<sup>121</sup> BOFF, 2005, p. 14.

Esta reunião de universos – o do entretenimento e o da teologia – parece surpreendente. Pois aquela e aquele que conhece a série terá a impressão de um excesso de coincidências. A impressão aqui (hipotética, obviamente) é de que Boff poderia ser um dos consultores teóricos para embasamento de parte do enredo desta *sitcom*, no tocante às virtudes<sup>122</sup>; tal é o paralelismo possível entre os textos e circunstâncias nas duas obras: a *sitcom Friends* e o texto de Boff. Inclusive na questão temporal, pois a “série foi ao ar pela NBC entre setembro de 1994 e maio de 2004, com um total de 236 episódios. O programa é considerado uma das séries mais bem-sucedidas da TV”,<sup>123</sup> tempo que antecede a publicação da referida obra de Boff. Visto que o lançamento do primeiro volume da obra de Boff ocorreu em 2005 e supondo o óbvio, ou seja, de que a escrita de uma obra que pensa sobre sua época é antecedida de observação e reflexão, estas se encontram no tempo, em algumas ocasiões.

Não se supõe, no entanto – de forma alguma – que Boff viesse a ser público e/ou audiência da referida *sitcom*. Não que seja proibido, mas o que ocorre é que ele, célebre pensador, indo além em seu trabalho, inclui reflexão sobre a realidade, tal qual se esforça a série, a partir de suas observações; ambas as obras, mesmo que com motivações distintas, “marcam um encontro”<sup>124</sup> pelas temáticas em comum: hospitalidade, convivência e comensalidade. Assim, é possível supor que veiculam linguagem, pensamento e cultura que se cruzam – pontualmente – em algumas tensões e desafios, contemporâneos entre si. Isto é importante porque são temperos da mesma safra que saborizaram ambas as obras; isto é, tudo o que ocorria e que gerava tensão e que chamava a atenção, seja para/de um escritor ou para/de um diretor e, por que não para/de quem as interpreta: atrizes, atores, leitores e telespectadores.<sup>125</sup>

A partir deste primeiro cruzamento de ideias, pode-se partir para a sensibilização do que seja hospitalidade e do que esta exige, de cada um, através do árduo exercício de

[...] incorporar a tolerância de uns para com os outros naquelas coisas que temos dificuldades de entender e de suportar. Importa ter respeito às diferenças. É necessário que exista comensalidade, quer dizer, que nos sentemos juntos à mesa e

<sup>122</sup> “Virtudes para um outro mundo possível”, em três volumes, lançados pela Editora Vozes Ltda.

<sup>123</sup> “VOLTA de ‘Friends’ nunca vai acontecer”, desanima cocriadora da série. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/04/1264117-volta-de-friends-nunca-vai-acontecer-desanima-criadora-da-serie.shtml>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>124</sup> O referido e suposto encontro é a proposta advinda, nesta pesquisa, de que as duas obras falam e mantêm uma conversa não planejada entre si e no espectro desta pesquisa apenas, obviamente, pois se encontram pelas temáticas coincidentes: hospitalidade, convivência e comensalidade.

<sup>125</sup> Considerando, aqui, que o leitor (e telespectador) também é interprete do que lê, do que vê.

celebrems a alegria de estarmos juntos, como família, como irmãos e irmãs, saboreando da generosidade da Mãe Terra.<sup>126</sup>

Boff nos chama a atenção para que na vivência destas virtudes, a começar pela hospitalidade, parte-se numa direção que transforma o desejo de excluir em desejo de inclusão; ou, em suas palavras: “criam-se as condições [...] que reúne as tribos dispersas, traz de volta os filhos e filhas pródigos e aproxima os distantes [...]”.<sup>127</sup>

Resguardada a linguagem e a finalidade, as obras mencionadas poderiam – naturalmente – dar as mãos e caminhar certos trechos de suas jornadas, lado a lado. Existem, entretanto, limites e dificuldades que acompanham a realidade, em especial, dos contextos urbanos, pois ocorrem “[...] limitações de toda ordem, especialmente o fato de vivermos em sociedades industriais complexas e impessoais, tão diferentes daquelas do passado nas quais as pessoas se conheciam e formavam comunidades de convivência”.<sup>128</sup> E se faz premente um olhar atualizado para continuarmos a perceber que a convivência, além de necessária e desejável, seja contemporizada:

Como enfatizou Jacques Derrida em seu estudo sobre a hospitalidade (1997), nossas casas possuem hoje em dia muitas portas e janelas por onde nos chegam estrangeiros e outros diferentes de todo tipo seja pela televisão, pelos programas interativos, pelo telefone, pelo celular, pelo fax, seja pelo e-mail e pela internet. Como viver a hospitalidade com esses seres virtuais, nossos companheiros de aventura humana?<sup>129</sup>

Boff salienta, à altura da escrita do primeiro volume de *Virtudes para um outro mundo possível*, a insipiência das histórias e relações virtuais para termos respostas precisas; não nos é possível, ainda, “pois esta realidade nos é muito recente e não temos práticas acumuladas”.<sup>130</sup>

A acolhida em *Friends* dá-se, como – anteriormente – mencionado, pelas implicações que vem desde a dinâmica da transição que ocorre entre o fim da adolescência (ingresso universitário, busca por oportunidade de emprego ou, ainda, pela questão matrimonial), até o início e rotina da vida adulta. Na *sitcom*, todos estes típicos elementos para a cultura norte-americana são contemplados na série. O resultado prático na *sitcom*

<sup>126</sup> BOFF, 2005, p. 15.

<sup>127</sup> BOFF, 2005, p. 15.

<sup>128</sup> BOFF, 2005, p. 106.

<sup>129</sup> BOFF, 2005, p. 106.

<sup>130</sup> BOFF, 2005, p. 106.

*Friends* é uma predisposição para a hospitalidade: Joey é acolhido por Chandler, Rachel é acolhida por Monica, Phoebe é acolhida e acolhe, também, Ross acolhe Rachel, Joey acolhe Rachel. E, assim, sucessivamente, todas e todos se acolhem uns aos outros. Hospitalidade é mais que uma opção nesta *sitcom*, é um valor.

### 3.2.2 – Convivência em *Friends*

Enquanto a “[...] hospitalidade abre a porta e acolhe. A convivência permite sentar juntos, coexistir e intercambiar. Uma é tão importante quanto a outra, pois se prolongam e se completam”.<sup>131</sup> Na *sitcom Friends*, o estar junto torna-se tão simples que as residências, por vezes, se confundem, visto que o mesmo proceder numa é possível noutra. Cada qual tem as suas nuances e algumas regras, é verdade; no entanto, nestas percebe-se a capacidade do acolhimento. De todas, o apartamento da personagem Monica é um dos cenários principais; este e o Café Central Perk formam o cenário padrão do seriado. Em ambos, o grupo pode “ser” e “ter”. Pode “ser” na medida em que se sentem à vontade para entrar sem bater e permanecer, se for necessário, ou apenas para fazer companhia e estar junto de alguém, e não ficar só; e cada qual pode “ter” porque se estão com sede se servem; se estão com fome, da mesma forma. O estar junto, portanto, ultrapassa as linhas físicas e, também, as imaginárias entre os apartamentos.

De forma alguma, seria demais aludir o texto bíblico do bom samaritano no contexto desta *sitcom*. Duas das personagens, Joey e Rachel, são acolhidos e mantidos por considerável tempo, suas feridas (emocionais) são acolhidas e tratadas. Ele na condição e no exercício de uma profissão que não lhe rende sustento adequado, em seu início de jornada profissional; ela, pela nova condição (após desistência de um casamento – supostamente – sem motivação amorosa, mas pelo interesse em continuidade de uma vida confortável) em total contraposição financeira diante da sua pregressa qualidade de vida (cujo conforto advinha do sucesso profissional e riqueza de seu pai). Ela abandonara seu noivo no altar<sup>132</sup>, numa descoberta pessoal de que não o amava. Nisto se vê obrigada a assumir o peso desta decisão e decide procurar sua antiga amiga Monica (a quem, por sinal, não convidou ao

<sup>131</sup> BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. II: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006a. p. 9.

<sup>132</sup> FRIENDS. (1ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (585 min.), fullscreen, colorido.

casamento).<sup>133</sup> Mas, mesmo assim, conhece, além da hospitalidade de sua antiga amiga, a convivência estendida por parte do grupo, igualmente. Uma das expressões análogas à parábola do Bom Samaritano refere-se – diante do exposto – à questão da entrega e do manejo do cuidado para com quem está sofrendo. Ou, nas palavras de Boff,

[...] O cuidado se expressa pela saída de si em direção ao outro e se traduz em solidariedade, em serviço e em hospitalidade para com o outro. Com-paixão comporta assumir a mesma ‘paixão’ do outro. Vale dizer, sofrer com quem sofre. Mas também alegrar-se com quem se alegra. Implica co-mungar, caminhar juntos, com-viver, oferecendo-se mutuamente o ombro e dando-se as mãos.<sup>134</sup>

Este tipo de aventura, o viver em comunidade – a família, as amizades, a vizinhança, colegas de trabalho – exige esta prontidão para a aproximação. Algo que vá além do discurso, mas que se manifeste na prática genuína, e não só aparente, como que para um momento fotográfico e, posterior, propaganda e respectiva exploração da imagem de que redunde em benefício próprio ou alheio, mas não alcança o coração dolorido de quem sofre.

E para fazer uso das oportunas palavras de Boff: “Mais ainda, dito na nossa linguagem contemporânea: ‘colocou-o em seu carro’ e levou-o ‘ao hospital mais próximo’, numa palavra, ‘teve cuidado com ele’”;<sup>135</sup> e sem pensar nesta ação como fim em si mesma, mas indo além, “também depois disso, pois deixou uma boa quantia de dinheiro para as despesas e ainda empenhou a sua palavra: ‘o que tiveres gastado a mais, pagarei na minha volta’”.<sup>136</sup> Este é um dos marcantes e comoventes panos de fundo da *sitcom Friends*: é uma “convivência mais radical e com a hospitalidade incondicional até o final”.<sup>137</sup> Foi assim, portanto, na acolhida e convivência com estas duas personagens, Joey e Rachel, por exemplo. A ele (Joey), ao final foi ofertado – pelo casal Chandler e Monica – espaço permanente de acolhida, oferecem um quarto em sua nova casa. Joey resta como o único solteiro do grupo, ao final da temporada.

De ponta a ponta, a cômica série resguarda muita seriedade nos itens apontados por Boff. Dentre estes, a necessidade do acolhimento e vitalidade da convivência. Resta

<sup>133</sup> FRIENDS. (1ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (585 min.), fullscreen, colorido.

<sup>134</sup> BOFF, 2006a, p. 22.

<sup>135</sup> BOFF, 2006a, p. 23.

<sup>136</sup> BOFF, 2006a, p. 23.

<sup>137</sup> BOFF, 2006a, p. 23.

encerrar este ponto com o texto primordial que pode motivar nas direções apontadas: “Alegram-se com os que se alegram; chorem com os que choram”.<sup>138</sup> Este desafio é para o grupo, nenhum pode estar fora desta contemplação, tampouco desta ação: “A participação de todos é essencial”,<sup>139</sup> e esta participação “[...] implica sempre mútua ajuda nas várias dimensões da vida, geralmente marcada por todo tipo de necessidades”.<sup>140</sup> Nesta perspectiva e ação “realizam-se parcerias entre os membros e com outros grupos [...]”.<sup>141</sup> Ao final, o desejo é o de se perceber convergências e de que as pessoas envolvidas ponham “[...] em segundo plano as diferenças, sejam religiosas, ideológicas, de classe, entre outras”.<sup>142</sup> Diante deste esforço, diante desta dinâmica vivenciada, “[...] a convivência além destas dimensões concretas comporta uma inegável ressonância espiritual formando uma verdadeira mística de vida.”<sup>143</sup>

### 3.2.3 – Comensalidade em *Friends*

Se a hospitalidade se torna uma estrada para a convivência, a convivência é a antessala do comer juntos. A comensalidade na *sitcom Friends* é mais que adereço. É essência, é decreto, é selo da amizade. A comida em *Friends* transita livremente, não está presa, não tem preço a pagar, existe para ser solidária, para satisfazer, nutrir, agradecer e para ser comida, enfim.

Em princípio, a pessoa telespectadora desavisada, que não acompanha a *sitcom*, pode estranhar a facilidade com que a comida transita entre este grupo de amigos. Talvez a estranheza se dê não pela inconformidade com estes atos, como alguém que reprovava estas condutas; mas, ao contrário, pelo desejo de vivenciar tal liberdade e expressão de mutualidade. De fato, este é o sentimento nos tempos dedicados à comensalidade no seriado. Quem assiste, é instigado nesta direção. Talvez, encorajado, quem sabe, a promover assim com as suas amizades.

Teria isto relação com algo profundamente ligado a nossa necessidade relacional? Não nos parece natural “alimentarmos” a amizade através do comer juntos? Seria esta

<sup>138</sup> BÍBLIA, 2003, p. 1943.

<sup>139</sup> BOFF, 2006a, p. 35.

<sup>140</sup> BOFF, 2006a, p. 36.

<sup>141</sup> BOFF, 2006a, p. 36.

<sup>142</sup> BOFF, 2006a, p. 36.

<sup>143</sup> BOFF, 2006a, p. 37.

proposta algo lírico apenas, resultado de poesia televisa? Parece que podemos lançar de observações do teólogo Rodolfo Gaede Neto para perceber que, desde longe na história, a prática tem sua relevância, e dentro de perspectivas que contribuem a esta pesquisa:

A mesa é um lugar apropriado para conversar, dialogar, estar frente a frente, olhar nos olhos, conhecer, travar amizades, compreender, brincar, avaliar, planejar, desfazer mal-entendidos, aparar arestas no relacionamento, respeitar diferenças, aceitar, acolher, praticar a hospitalidade, partilhar, perdoar, reconciliar, selar a paz, comemorar, brindar, saciar a fome de pão e a sede de comunhão.<sup>144</sup>

Como se vê, a mesa inclui muito mais do que aparenta, esta tem “poderes” curativos e restauradores, aproxima e conecta, abençoa.

O texto bíblico na altura dos textos do Novo Testamento registra considerável número de passagens, cujo tema percorre a comensalidade. Gaede Neto, mais uma vez, chama a nossa atenção, citando a quantidade destas passagens: “Surpreende a presença quantitativa de textos que se ocupam com esse tema. Algo em torno de 40 passagens poderiam ser elencadas.”<sup>145</sup> Ao proceder a uma comparação entre os termos “comer” e “ensinar”, Gaede Neto nos informa que,

Nos evangelhos, o verbo comer aparece em 76 textos (90 por cento das vezes ligado às comunhões de mesa de Jesus). O significado desse dado fica realçado quando o comparamos com a presença de outros conceitos importantes nos evangelhos, como é o caso de ensinar (*didaskhein*), que pode ser encontrado apenas 55 vezes.<sup>146</sup>

É possível observar na *sitcom Friends*, desde o seu início, esta prática de cuidado para com o tema. Duas das personagens passam parte significativa dependendo da mesa compartilhada, Joey e Rachel possuem uma instabilidade financeira que os coloca em situação vulnerável para com as suas próprias despesas. Não fosse o apoio desinteressado do grupo de amigos, a situação de ambos teria, certamente, outro rumo. E, mesmo após o processo de estabilização pelo qual passam, alcançando situação mais confortável, o comer juntos, à mesa, permanece. Pois ali se identifica uma linguagem que fora além da benevolência, da caridade momentânea, a amizade se alimentou destes atos e cresceu. Não continuaram juntos à mesa até que fosse possível reaver o investimento, mas porque criaram laços. Ou como salienta Gaede Neto,

<sup>144</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. As comunhões de mesa de Jesus e a Ceia do Senhor. **Tear**, São Leopoldo, n. 16, p. 8, mai. 2005.

<sup>145</sup> GAEDE NETO, 2005, p. 3.

<sup>146</sup> GAEDE NETO, 2005, p. 3.



A modalidade alternativa de hospitalidade, apresentada por Jesus, inclui pessoas que estão nas periferias da aldeia ou fora dela (pobres, aleijadas, coxas e cegas), aquelas que não têm com que retribuir. Propõe a ruptura com o modelo que se fecha em torno da mesa dos iguais. Numa sociedade marcada pela desigualdade, Jesus desafia a uma hospitalidade que traz em si o potencial de des-construir as diferenças: quem tem recursos convida a quem não tem. Quem tem mais reparte, sem esperar retorno.<sup>147</sup>

Este comer juntos, então, ultrapassa a visão típica de pessoas, apressadamente, em um restaurante no intervalo do trabalho. Vai além da mecânica proposta por uma agenda urbana, em que corremos para conseguir lugar na fila, depois na mesa, depois no buffet, depois com os talheres; para, após, retornar “cheios” (mas vazios!) para a rotina. Pois, vive-se um tempo em que a “[...] cultura contemporânea modificou de tal forma a lógica do tempo cotidiano em função do trabalho e da produtividade que enfraqueceu a referência simbólica da mesa.”<sup>148</sup>

Existe uma disputa acirrada por este espaço-tempo sagrado, o contexto urbano e suas dinâmicas consumistas observam o sagrado e tentam usurpar sua função, como assevera Boff, através de uma abordagem comparativa das outras mesas que passam a tomar espaço daquela primeira, sonhada e – de forma vital – necessária:

A mesa familiar foi substituída por outras mesas, absolutamente dessacralizadas: mesa de negociação, mesa de jogos, mesa de discussão e debate, mesa de câmbio e mesa de concentração de interesses, entre outras. Mesmo dessacralizadas, estas várias mesas guardam uma referência inapagável: são lugar de encontro de pessoas, pouco importa os interesses que as levam a se sentarem à mesa. Estar à mesa para a troca, negociação, concentração e definição de soluções que agradem as partes envolvidas. Ou também abandonar a mesa pode significar o fracasso da negociação e o reconhecimento do conflito de interesses. A mesa encarna todas estas contradições.<sup>149</sup>

Comensalidade significa, portanto, muito mais, atingindo sabores de celebração, digno de nota são as palavras de Boff sobre:

Comensalidade significa comer e beber juntos. Todos se sentam à mesa, como comensais, para comer, beber, comungar e celebrar o estar juntos na mesma Casa Comum, qual grande família humana que se reencontra, todos irmãos e irmãs uns dos outros juntos com os demais seres da criação.<sup>150</sup>

<sup>147</sup> GAEDE NETO, 2005, p. 7.

<sup>148</sup> BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. III: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006b, p. 11.

<sup>149</sup> BOFF, 2006b, p. 11.

<sup>150</sup> BOFF, 2006b, p. 9.

Boff vai além, dizendo que é “[...] um sonho. Sempre foi sonhado pela humanidade e pelos grandes mestres espirituais como Jesus de Nazaré entre outros tantos.”<sup>151</sup> Comensalidade faz, assim, alusão à vivência espiritual do estar e permanecer juntos, ao redor da mesa, em que os “[...] os alimentos são mais do que coisas materiais”<sup>152</sup> que nos irão encher, são “[...] símbolos do encontro e da comunhão”.<sup>153</sup>

Assim, como imaginar uma união – integral – que prescindir do comer juntos? Na *sitcom Friends*, o grupo está quase sempre envolto com a acolhida que se estende para a dinâmica do comer juntos, do pedir comida, do receber comida e, até mesmo, de pegar comida na outra geladeira, na outra residência, estas como extensão uma da outra. Pois, senão, “Que vale termos hospitalidade, convivência, respeito e tolerância se faltar a comensalidade, se estivermos morrendo de fome e de sede e senão tivermos uma mesa comum na qual nos possamos saciar solidariamente?”<sup>154</sup>

Na *sitcom Friends*, percebemos que, nos momentos bons e ruins, a amizade é alimentada ao redor da mesa. Eles não desistem, mesmo diante de altos e baixos, continuam, juntos, se alimentando uns aos outros. No último episódio da série<sup>155</sup>, no último instante, onde trama encontra o seu desfecho, permanece a jornada da comensalidade. Abraçados, descem para o último café que nós (telespectadoras e telespectadores) não podemos ver. Mas a mensagem não é de finalidade, mas sim de continuidade, ou seja, a cena final não vista já está fixada no imaginário, todos sabem onde e o que estarão fazendo, em comunhão, ao redor de uma mesa.

---

<sup>151</sup> BOFF, 2006b, p. 9.

<sup>152</sup> BOFF, 2006b, p. 10.

<sup>153</sup> BOFF, 2006b, p. 10.

<sup>154</sup> BOFF, 2005, p. 15.

<sup>155</sup> FRIENDS. (10ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (465 min.), fullscreen, colorido.

### 3.2.4. – *E tudo aponta para o casamento*<sup>156</sup>

Dentre as seis personagens da *sitcom Friends*, nenhuma se aquietou diante do desejo e do desafio na procura a na consumação do casamento.<sup>157</sup> Cinco – de fato – efetivaram este intento. Dois casais formados dentre os próprios amigos: Ross (David Schwimmer) e Rachel (Jennifer Aniston)<sup>158</sup>; Chandler (Matthew Perry) e Monica (Courtney Cox)<sup>159</sup>; enquanto Phoebe (Lisa Kudrow) conheceu e casou-se com Mike (Paul Rudd)<sup>160</sup>, alguém que fora se integrando ao grupo, aos poucos. Apenas Joey (Matt LeBlanc), não termina casado na série; ele, curiosamente, dá um mergulho de profundidade para a continuidade da amizade com Chandler. Relembrando quando o casal se depara diante da decisão de quem iria celebrar a cerimônia de casamento, Joey busca licenciar-se pelo estado de Nova Iorque para proceder e officiar a cerimônia de casamento<sup>161</sup> de seu melhor amigo Chandler (Matthew Perry) com Monica (Courtney Cox). No encaminhamento para o fim da série, Joey (Matt LeBlanc) é animado ao saber que sempre terá um quarto na nova casa de seus amigos.<sup>162</sup> Ele dividiu apartamento com Chandler durante a maior parte do seriado.

A beleza da série estaciona nesta conduta de permanência, de continuidade. Chamou a atenção do autor desta pesquisa o fato do tema casamento ser recorrente; apontado em diversas ocasiões e circunstâncias na *sitcom Friends*. Estes casamentos são lembrados,

<sup>156</sup> BLECH, 2004, p. 217. “A Bíblia diz que, enquanto Deus criava o mundo, Ele revia o Seu trabalho diariamente e afirmava: “Está bom”. Há apenas uma vez em que Deus disse “Não está bom”: foi quando, depois que criou Adão, Ele declarou: “Não é bom que esteja o homem só”. Deus não pretendeu dar aqui somente uma opinião Divina sobre solidão. Segundo os comentadores bíblicos, a frase implica que tudo o que havia sido previamente considerado bom não seria bom de verdade se vivido por uma só pessoa. O Paraíso somente é o Paraíso quando compartilhado com alguém.”

<sup>157</sup> BLECH, 2004, p. 219. “De fato, pode parecer fácil realizar um casamento adequado, contudo Deus considera esta uma tarefa tão difícil quanto abrir o Mar Vermelho, reconheceu Rabi Iossêf (Gênesis Rabá, 68:4)”.

<sup>158</sup> O ÚLTIMO. In: FRIENDS. (10ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (465 min.), fullscreen, colorido. Partes 1 e 2. Episódios 17 e 18. Disco 3.

<sup>159</sup> AQUELE do casamento da Monica e do Chandler. In: FRIENDS (7ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (528 min.), fullscreen, colorido. Partes 1 e 2. Episódios 23 e 24. Disco 4.

<sup>160</sup> AQUELE com o casamento de Phoebe. In: FRIENDS. (10ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (465 min.), fullscreen, colorido. Episódios 12. Disco 2.

<sup>161</sup> FRIENDS. (7ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (528 min.), fullscreen, colorido.

<sup>162</sup> FRIENDS. (10ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (465 min.), fullscreen, colorido.

mencionados ou vivenciados durante toda a jornada do seriado.<sup>163</sup> Dentre estes, podemos perfilar alguns, em grupos tipificados: os “*casamentos pregressos*”, que trazem perfil para as histórias familiares de cada personagem; “*o desconhecido*”, casamento em que Phoebe se casa com um canadense para que este possa ter um *greencard* norte-americano; “*o surpresa*”, ocasião em que Ross e Rachel se casam – de fato, mas bêbados – em Las Vegas; se dão conta, posteriormente, e ingressam num processo de divórcio; “*os back-ups*” são casamentos combinados entre as personagens para um suposto futuro aos quarenta anos e sem ninguém; além das situações de “*separações e divórcios*”, que são abordadas na lembrança dos pais e das mães separados ou divorciados (no caso das famílias de Chandler e da Rachel), além dos vivenciadas por Ross (primeiro divórcio: com Carol (Jane Sibbett), mãe de seu primeiro filho; segundo divórcio: com a britânica Emilly (Helen Baxendale); e, também, o terceiro divórcio: com Rachel, um casamento não programado, após uma noite de bebedeira em Las Vegas); durante a série, ele se casa e se divorcia, portanto, três vezes; até finalmente ficar – definitivamente – com Rachel, sua intenção desde muito jovem. Não poderia deixar de citar, também, a importância do tema, através do impacto visual nas diversas “*cerimônias*”.

Estes elementos formam, então, algo semelhante a uma trilha de pães picados, formando uma linha que aponta para o fim da série. O seriado esboça o seu encerramento na mesma medida em que os desencontros ocorrem; mas, principalmente, conforme os encontros vão se afirmando e se estabelecendo. Como já fora mencionado, das seis personagens principais, cinco alcançam o fim da mesma casadas. Dessa forma, pode-se dizer que “*os casamentos em série preparam para o fim da série*”. De fato, em entrevista, uma das diretoras do seriado (Marta Kaufmann) diz que, depois do encerramento deste seriado, não existe motivo para um retorno, conforme anseiam fãs. Assim posiciona-se a diretora ao ser

<sup>163</sup> As informações sobre o filme são tiradas do site <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Friends>>. Acesso em: janeiro de 2014. Vale salientar que o artigo sobre a “sitcom Friends” está qualificado como “Artigo destacado” na enciclopédia livre Wikipédia, ou seja, identificado e avaliado pela comunidade Wikipédia lusófona como artigo de excelente qualidade. Veja descrição do item “Artigos destacados” na base de dados do Wikipédia: “Esta página contém uma lista de artigos que a comunidade da Wikipédia lusófona identificou e avaliou como artigos de excelente qualidade, e que por isso foram artigos de destaque na página principal. No momento, dos 939 artigos que já foram destaque desde 2004, 624 permanecem destacados, uma vez que em 2008 foi iniciado um processo de revalidação que acabou por remover diversos deles, principalmente os mais antigos. Considerando que a Wikipédia lusófona possui atualmente um número total de 822 695 artigos, pode-se afirmar que, de modo aproximado, 1 de cada 1318 artigos permanece listado aqui como destaque. As edições da Wikipédia em outras línguas possuem também artigos destacados que podem ajudar a melhorar o conteúdo da Wikipédia em português. A existência de um artigo destacado noutra língua pode ser detectada através da presença de uma pequena estrela na coluna das ligações interlinguísticas de cada artigo.” Informação tirada do site <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Artigos\\_destacados](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Artigos_destacados)>. Acesso em janeiro de 2014. Faço uso, também, de relatos e interpretações pessoais, numa tentativa de recontar e partilhar impressões particulares de trechos do seriado.

questionada sobre um possível retorno do seriado.<sup>164</sup> A resposta é embasada na ideia de finalidade, de terminação, ou seja, o objetivo de permanecer com alguém mais próximo, mais perto, continuamente, foi alcançado. Não faria sentido continuar, pois o espectro, o mote do enredo fora germinado, desenvolvido e concluso.

Uma extensa lista de casamentos atravessa a série e a encaminha para o final. Nesta jornada, um casamento chama a atenção pela dinâmica sobre a qual se construiu, dentro de uma perspectiva de germinação, desenvolvimento e conclusão. É, na perspectiva do autor desta pesquisa, o casamento modelo da *sitcom Friends*, pois, a partir deste, o universo das relações conjugais toma forma e faz deste um modelo para o grupo de amigos. O casamento de Chandler e Monica respeita o processo *da amizade ao casamento*. Eles se conhecem, estabelecem distância e a diminuem pela apresentação, hospitalidade, convivência e na comensalidade, relembrando modelo exposto na obra de Boff. Há que se dizer sobre este processo ser algo novo para todas as personagens, incluindo – obviamente – o próprio casal, aqui citado. A passagem deste relacionamento de amizade para uma relação conjugal dá-se em segredo, inicialmente. Amigas e amigos do iniciante casal vão se apercebendo e sendo informados, aos poucos, como uma notícia que precisa ser elaborada para quem a fornece como também para quem a recebe.

O casal precisa superar traumas pessoais e dificuldades para vivenciar este novo nível de relacionamento; e estes se tornam elementos de alguns dos episódios do seriado. Revisitar o passado pessoal em suas referências e em seus traumas, repensar e avaliar o seu presente e projetar e encarar o futuro, a dois, trazem o processo relevante de aceitar de fato e, depois, de direito, as responsabilidades numa relação duradoura, neste caso, o casamento. Ou no dizer de Boff,

Relação mais profunda e a que mais realizações ou as mais dolorosas frustrações traz é a experiência do amor. Nada é mais frágil do que ele, que vive do encontro entre duas pessoas que um dia cruzaram seus caminhos, descobriram-se no olhar e na presença e viram nascer um sentimento de enamoramento, de atração, de vontade de estar junto, até que resolveram fundir suas vidas, unir os destinos, compartilhar as fragilidades e as benquerenças da vida. Nada é comparável à felicidade de amar e de ser amado. E nada há de mais desolador, nas palavras do Poeta Ferreira Gullar, do que não poder dar amor a quem se ama.<sup>165</sup>

<sup>164</sup> “VOLTA de ‘Friends’ nunca vai acontecer”, *desanima cocriadora da série. Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/04/1264117-volta-de-friends-nunca-vai-acontecer-desanima-criadora-da-serie.shtml>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>165</sup> BOFF, 2012, p. 150.

Nesta jornada, experimentar a consumação parece algo estarrecedor e grande demais para suportar. Conforme o andamento, uma necessidade apresenta-se com um nível de importância muito importante. Quem oficiaria esta união, na forma de casamento? O teor de espiritualidade é revisitado com muita força, aqui. Pois mesmo tendo sido cogitados sacerdotes oficiais, parece que um vínculo de maior monta entre este último (sacerdote) e o referido casal se faz primordial. Um amigo ocuparia esta função, então. O amigo em questão (Joey) viria a ser o único a não encerrar a *sitcom* casado. É também o amigo que – temporariamente – abre mão do que lhe é importante<sup>166</sup> para se apresentar como oficiante.

Outro desafio apresenta-se, nesta jornada relacional: a procura pela nova casa, aquela que abrigará este casal fará parte do processo que se tornará referencial ao grupo de amigos. É um momento crucial para todos, pois considerável parte da série ocorre, justamente, nos apartamentos de Chandler e Monica (em especial no da Monica), que ficam frente a frente, no mesmo prédio e andar. A crise dá-se porque estes endereços significam referência para todo o grupo. Tal qual como quando a filha ou o filho sai de casa, se faz um corte oficial no cordão umbilical.

Assim, o grupo prepara-se para outro momento de amadurecimento na amizade. A mudança traz algum desgaste e requer compreensão, novamente. Tolerância volta à tona. O dia a dia mudará, não será mais o mesmo. Amizades que se encontravam todos os dias, não se veriam com tanta frequência.

O casamento traz, portanto, um avanço que implica amadurecimento e níveis mais profundos de compromisso entre duas pessoas. Isto assusta e causa admiração. Mas, certamente, traz sentimento de que se está no caminho certo. Como uma bússola apontando para a direção correta em meio ao um nevoeiro. A percepção é que uma intuição leva o grupo para esta direção, tateando, experimentando, errando, acertando e consumando.

---

<sup>166</sup> Um compromisso de emprego no mesmo dia da cerimônia. As oportunidades de trabalho para Joey não foram fáceis e ele precisa decidir como manejar esta situação.

### 3.2.5 – Pausa para um café: relembrando a jornada até aqui

Aceitas um café? Um expresso, com raspas de limão, pingado, cortado, cappuccino, mocaccino, ou quem sabe um chá? Seja o que for, pensemos nesta como uma pergunta comum a um dos principais ambientes do seriado. Este exercício pode ampliar a recordação do que foi visto, até aqui. Penso que recapitular, assim, com os cheiros e os sabores característicos do que ambientou tantos encontros e desencontros, nos rememorarão com mais facilidade o mundo da *sitcom Friends*. Com o intuito, também, de encontrar uma atmosfera de vivência espiritual, através da comunhão e amizade. Contribuirá, também, a introduzir o próximo tópico em que se pretende confrontar as diversas comunidades de fé no ser e no agir em contextos urbanos, principalmente.

Esta pesquisa partiu da proposição de que a *sitcom Friends* possui elementos que a caracterizam como ambiente que nos serve de referência para uma devida representação do contexto urbano, expressão de uma realidade globalizada pelas características cosmopolitas da cidade em que a mesma se ambienta.

Diante das narrativas de perdas de referências, comum às grandes cidades, naturais receptoras<sup>167</sup> de egressos de outros tantos lugares; que procuram, nestas, oportunidades de crescimento pessoal e – primordialmente – econômico-financeiro, podemos citar que o exercício da hospitalidade se torna essencial item de sobrevivência.

Após este primeiro e importante momento de acolhida, em que pessoas se encontram em grupos e se conscientizam que precisam se acolher, surge o desafio da coexistência, da convivência – preferencialmente – pacífica, mas nem sempre possível; por isso, a ideia da tolerância e do respeito abordadas.

Quebradas as distâncias e alicerçado o desejo de coexistir, de conviver, se avança para o sublime estágio do comungar, pois comer e beber juntos não se limita, na série, à mecânica proposta pelas cidades de grande porte, onde, muitas vezes, o alimentar-se se assemelha ao “dar de comer aos animais”, servir a ração para que voltem ao trabalho/rotina

---

<sup>167</sup> O uso do termo “receptoras”, aqui, contrapõe-se ao termo “acolhedoras”. Nem sempre podemos dizer que o ambiente urbano é – naturalmente – acolhedor. Normalmente, em minha experiência pessoal, escuto o relato de susto e espanto daquelas e daqueles que migram para a “cidade grande” em busca de melhores condições e qualidade de vida.

até que estejam prontos para o abate. Aqui, vimos que a amizade requer comunhão e que esta se manifesta em plenitude no dia a dia, na acolhida, na convivência, mas – de forma quase transcendental – na comensalidade. A vivência da espiritualidade apresenta-se como que “patrimônio da humanidade”, necessária, disponível e acessível. Veja destaque, neste sentido, dado por Adam,

[...] talvez, a religião institucional tenha deixado há tempos de estruturar a sociedade e a cultura como um todo, mas o religioso continua, como uma ‘entidade humana’ às soltas, mais do que nunca, criando elos de sentido entre as pessoas, criando e recriando o mundo.<sup>168</sup>

Tal qual celebração, então, esta comunhão, representada e exposta nas amizades da *sitcom Friends*, permite um encontro especial em que as pessoas podem se perceber especiais, umas para com as outras. Conforme salienta Adam, a vivência do transcendente é inerente, é necessária, é vital para toda a pessoa, tal qual um

[...] exercício humano de transcender e transpor os limites do tempo e do espaço, através da imaginação, na busca de sentido, de valor, de contato, de esperança, para que a vida seja suportável e viável. Nesta busca, por detrás dos limites do tempo e do espaço, o ser humano se encontra com o divino e lhe atribui formas e conteúdos.<sup>169</sup>

A amizade e suas implicações, portanto, recebe toda uma gama de sentido, de maneira a representar a subsistência espiritual de um grupo. Esta não pára aqui e se expande em complexidade. Como que um crescente, percebemos – também – uma intrigante jornada em busca de um outro nível de comunhão, aquela almejada quando pensamos em toda a vida, aquela que se fez presente, episódio a episódio, da amizade ao casamento. Percebeu-se esta dinâmica sadia de conhecer e se fazer conhecido, acolher, conviver, alimentar-se e perceber que isto pode ir além, na conjugação e formação de uma nova família, em que filhas e filhos virão e serão servidas e servidos desta amorosa dinâmica: amizade entre pais, mães, filhas e filhos, todos juntos e integrados, junto de outras, de outros que possam aprender este caminho, deste caminho!

Obviamente que a esfera espiritual pode tomar forma em diversas tradições. Mas poderia ser ineditismo esta reflexão? Para alguns, talvez. Entretanto, tem sido motivo de

<sup>168</sup> ADAM, Júlio César. Deuses e liturgias as mídias. In: SCHAPER, Valério Guilherme et alii (Orgs.). **Deuses e ciências na América Latina**. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012b. p. 180.

<sup>169</sup> ADAM, 2012b, p. 179.



pesquisa e nominação esta percepção que vê espiritualidade fora de nossas habituais tradições de fé, fora das cercanias religiosas institucionais. Pesquisadores como Júlio Adam e Iuri Reblin já o fazem e com criativa e substancial sustentação teórica. Nestes podemos, por exemplo, verificar termos que identificam pesquisas similares como “religião vivida” (Adam) e “teologia do cotidiano” (Reblin).

Vejamos, através desta criativa ilustração, parte da argumentação de Adam, em defesa de que a religião pode ser perceptível em interfaces distintas das habituais, fazendo – especificamente – um confronto entre religião e cinema de ficção científica, para percebê-la:

As pessoas se aproximam do grande templo. Faltam apenas 13 minutos para iniciar o culto. Os membros dirigem-se com suas famílias e com seus grupos ao Santo dos Santos, dentro do grande templo. A oferta para o sacrifício precisa já ser deixada antes de entrarem no Santo dos Santos. Ali, também adquirem a comida e a bebida usada na grande eucaristia, refeição de ação de graças pela vida e o trabalho, em comunhão fraterna cultural. Adentrando o ambiente sagrado, com suas luzes bruxuleantes, fazem silêncio, como parte da devoção. Em poucos minutos, no horário marcado, os avisos sobre os próximos cultos são transmitidos. Em seguida, apagam-se também as luzes bruxuleantes. Há silêncio total no ambiente. Inicia-se o culto de 2 horas e 10 minutos. Luzes radiantes incidem sobre o grande altar da vida. “O verbo se fez luz e se projetou entre nós” (GÓES, 2003). Lá, céu e terra se encontram. No grande espelho das imagens, cada participante vê sua vida refletida, projetada, e, assim, a existência ganha sentido, ganha transcendência.<sup>170</sup>

Para quem lê e, porventura, não conheça a obra – acima mencionada – terá, a seguir, o inusitado desfecho: “O culto acima descrito trata-se de uma sessão de cinema, no grande templo moderno do shopping center. Sim, religião tem a ver com cinema e cinema com religião.”<sup>171</sup>

Já na perspectiva sustentada por Reblin, existe um encontro em que

Falar em teologia é falar daquilo que faz as pessoas aguentarem firmes diante da morte e aguentarem firmes durante a vida, é falar de situações de desespero, de angústia e também é falar dos sinais de esperança. Isso significa que, de uma forma ou de outra, a teologia sempre está presente.<sup>172</sup>

Existe, portanto, esta necessidade do encontro consigo e com a vida ao redor, ou seja, “[...] mergulhar dentro de cada indivíduo, em sua história pessoal, em seus encontros e

<sup>170</sup> ADAM, 2012a, p. 553.

<sup>171</sup> ADAM, 2012a, p. 553.

<sup>172</sup> REBLIN, Iuri Andréas. Por que uma teologia do cotidiano? In: **Uma religião chamada Brasil** [recurso eletrônico] estudos sobre religião e contexto brasileiro / Oneide Bobsin, ... [et al.], orgs. – [2. ed.] – São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012. p. 88.

desencontros diante da ambiguidade da vida.”<sup>173</sup> Isto é, segundo Reblin, uma das expressões da teologia do cotidiano. Mas, também, envolve o “[...] dizer acerca das coisas divinas, das coisas sagradas, das coisas melhores, dos relacionamentos entre as pessoas e o mundo que as cercam, da natureza, da fé, das motivações humanas”.<sup>174</sup>

Esta proposta de uma espiritualidade manifesta tem ganchos relevantes na Teologia da Cultura de Tillich. O ilustre teólogo entendia, pois, que a religião e a cultura nascem do anseio humano pelo incondicional, pela realidade última. Por isso, religião e cultura encontram-se e complementam-se. Tillich, ao citar o pensamento de Buber, reforça esta ideia de encontrar no mundo fortes rastros do sagrado, lançando mão da peculiar visão do movimento hassídico<sup>175</sup>, conforme vemos a seguir:

A religião, para o hassidismo, assim como para Buber, consiste na consagração do mundo. Não é a aceitação do mundo como ele é nem seu abandono na direção do divino transcendente, mas sua consagração no sentido de ver o divino em tudo. Esta atitude anula o dualismo do sagrado e do secular. Apesar da observância da doutrina e do culto, e da ênfase no diálogo contínuo entre a alma individual e Deus na oração e na meditação, a característica do hassidismo é sua maneira de ver o mundo e de agir nele.<sup>176</sup>

Murad nos fala sobre esta espiritualidade da relação, na relação e a partir da relação, elencando importantes elementos para a vivência espiritual, como podemos observar no formato pergunta e respostas, abaixo:

Quais seriam os traços comuns das espiritualidades, considerando a sabedoria das grandes religiões da humanidade e a sensibilidade do homem e da mulher de hoje? Elas se caracterizam, especialmente, por:

- Assumir uma postura de vida de “ser do Bem”, em todos os seus relacionamentos.
- Buscar um sentido integrador para a existência pessoal, coletiva e cósmica.
- Aprender do caminho espiritual das várias religiões, valorizando seus símbolos e ritos.
- Superar os excessos das religiões históricas, tais como a repressão sexual, o conformismo diante do sofrimento, a culpabilidade trágica e infantil, a figura patriarcal e autoritária de Deus, a intolerância com as outras expressões religiosas.

<sup>173</sup> REBLIN, 2012, p. 88.

<sup>174</sup> REBLIN, 2012, p. 88.

<sup>175</sup> BLECH, 2004, p. 351. Eis uma breve apresentação sobre o movimento sob o termo chassidismo: “Nos anos 1700, o movimento conhecido como Chassidismo foi fundado por Israel ben Eliezer, mais conhecido como o *Ball Shem Tov* ou o *Bescht*. Até então, o judaísmo dava uma importância maior aos estudos; somente os eruditos eram admirados. A vivência religiosa era um domínio da mente e somente a erudição séria era considerada como maneira legítima de servir a Deus”.

<sup>176</sup> TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte, 2009. p. 250.

- Promover a cultura da paz, desenvolvendo a tolerância e o respeito às diversidades, em todas as suas formas (étnica, cultural, de gênero, sexual, religiosa, etc.).
- Cultivar o cuidado com o ecossistema, através de atitudes pessoais e ações coletivas que visam à sustentabilidade.
- Aderir a um estilo de vida saudável.
- Fazer um caminho de evolução espiritual, pela integração das pulsões, autoconhecimento, cultivo da sabedoria e iluminação.<sup>177</sup>

Assim, depois destas comparações elucidativas, voltamos a perceber – dentre as argumentações específicas desta pesquisa – como culmina este processo. Nesta que convenciamos nomear “espiritualidade manifesta”; ou seja, na espiritualidade que não é algo pessoal, íntimo, apenas, mas tem a ver com relações, amizade, hospitalidade, convivência, comensalidade e casamento.

---

<sup>177</sup> MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**. Uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 124-125.

## 4. (RE)AÇÕES DIANTE DA ESPIRITUALIDADE MANIFESTA

### 4.1 – (Re)leituras e outros rumos para as comunidades de fé em contextos cosmopolitas

Não é disso (amizade, comunhão, permanecer, crescimento e maturidade) que falamos nós, ministras e ministros, pastoras e pastores, cristãs e cristãos, nas mais variadas e diversificadas tradições e denominações? Qual tem sido o resultado efetivo quando tentamos oportunizar inícios e/ou manutenção de amizades em/atraves nossas comunidades de fé? Será que atingimos este mesmo resultado vislumbrado na *sitcom Friends*? Será que alcançamos algo semelhante com todas as nossas doutrinas, regras e – por vezes – poderosas (e humanas) palavras de medo e culpa? Em especial, será que o que se comunica (com as melhores intenções) fala algo para o público em contexto urbano? Na *sitcom Friends*, que não apresenta nenhum compromisso oficial com uma ou outra tradição de fé, este intento encontra êxito e traz encorajamento para seu público assistente. Será que inventaram uma outra amizade possível ou nós, simplesmente, a temos desprezado em nossas comunidades? A questão vital é que um dos seriados mais famosos de todos os tempos encerra o seu ciclo de atividades dando conta de que amizade é importante e que casamento também. O que podemos deduzir disto? Poder-se-ia dizer que o público que assiste torce para que dê certo? Estariam ali descritos alguns de nossos anseios e necessidades? Saberíamos nós, portadoras e portadores da Palavra de esperança, galgar mesmos resultados?

Obviamente que a aceitação da religião com as suas “regras e formalidades mecanicistas” cada vez mais parece distanciar instituições religiosas de futuros fiéis; mas, ao mesmo tempo, é inegável a existência de um desejo inato de relacionar-se com o transcendente. Diante disso, pode-se sugerir uma nova postura, tal qual propõe um documento da CNBB:

Jesus supera as barreiras de sexo, de religião, de etnia, e de classe. Ele não se fecha dentro de sua própria cultura, mas sabe reconhecer as coisas boas que existem em todas as pessoas.<sup>178</sup>

As crises de ausência, da família, da casa, da história de natural acolhida que – presumidamente – toda pessoa, em dignidade humana, deveria ter, nos direcionam para uma busca de sobrevivência espiritual, de nova acolhida, nova família, nova casa e de continuidade

---

<sup>178</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de comunidades**: uma nova paróquia. Brasília: CNBB, 2013. p. 25.

da história pessoal dentro de uma história comunitária. Ou, no dizer de Boff, esta “espiritualidade tão esquecida e tão necessária”<sup>179</sup> que nos “é condição para uma vida integrada e singelamente feliz. Ela exorciza o complexo mais difícil de ser integrado: o envelhecimento e a morte”<sup>180</sup> – aquele envelhecimento e aquela morte sem ninguém por perto, sem aquela pessoa para aquecer a mão, beijar o rosto e lembrar a jornada e, por isso, amenizar, ou mesmo retirar, a dor de uma nova ausência, pois esta já não existe mais:

Para a pessoa espiritual o envelhecer e o morrer pertencem à vida, não matam a vida, mas transfiguram a vida, permitindo um patamar novo para a vida. Assim como ao nascer, nós mesmos não tivemos que nos preocupar, pois, a natureza agiu sabiamente e o cuidado humano zelou para que esse curso natural acontecesse, assim analogamente com a morte: passamos para outro estado de consciência sem nos darmos conta dessa passagem. Quando acordamos nos encontraremos nos braços acolhedores do Pai e Mãe de infinita bondade, que desde sempre nos esperavam. Cairemos em seus braços. E então nos perdemos para dentro do amor e da fonte de vida.<sup>181</sup>

O que sugerir para uma comunidade de fé que se compromete em se fazer relevante ao seu redor, para com o seu povo; e, também, para aquelas e aqueles que chegarão, principalmente?

Obviamente para as pessoas religiosas, esse Centro é Deus e os apelos que dele derivam é sua Palavra. As religiões vivem desta experiência. Articulam-na em doutrinas, em ritos, celebrações e em caminhos éticos e espirituais. Sua função primordial reside em criar e oferecer condições para que cada pessoa humana e as comunidades possam fazer um mergulho na realidade divina e fazer a sua experiência pessoal de Deus. Essa experiência porque é experiência e não doutrina tem como efeito a irradiação de serenidade, de profunda paz e de ausência do medo. A pessoa sente-se amada, acolhida e acolhedora num Útero divino. O que lhe acontecer, acontece no amor desta Realidade amorosa. Até a morte é exorcizada em seu caráter de espantoso da vida. É vivida como parte da vida, como o momento alquímico da grande transformação para poder estar, de fato, no Todo e no coração de Deus.<sup>182</sup>

Pode-se propor algo objetivo? Talvez princípios, pois regras, como já se viu, acabam por mecanizar as relações. As comunidades de fé precisam tornar-se – de fato – promotoras de ambientes relacionais e neles ancoradas. Não apenas esperar que as pessoas venham, mas ir, também, individualmente e em grupo. Tornar-se mais flexível em sua

<sup>179</sup> BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>180</sup> BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>181</sup> BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>182</sup> BOOF, Leonardo. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

mobilidade; não apenas propor o sagrado, com endereço físico, mas oportunizar que o sagrado ande, caminhe e chegue naquelas e naqueles que física, emocional e espiritualmente não mais podem andar.

Ouvi, certa vez, de alguém que se achegava a uma nova e nascente comunidade de fé: “ – A igreja está doente!”, lembro-me como aquilo me soou estranho; afinal de contas, se a comunidade é chamada para se alegrar com quem se alegra e, também, para chorar com quem chora (baseado em Romanos 12.15), o que faremos diante do choro? Excluir-se-á quem sofre? Se propusemos cuidadoras e cuidadores, não o fazemos porque já percebemos a necessidade de sermos cuidadas e cuidados? Minha resposta àquela abordagem de teor pseudo-triunfalista, insensível e arrogante: “ – A igreja sempre conviverá com a doença!”, tal qual um hospital. Entretanto, sempre deve ser oportunizado apoio, restauração e esperança; através da acolhida (hospitalidade), coexistência (convivência) e alimento físico/espiritual (comensalidade).

Ou, como nos fiz Nouwen:

Tudo isso sugere que, quando se tem a coragem de entrar onde a vida é experimentada como singular e mais particular, toca-se a alma da comunidade. O homem que despendeu muitas horas tentando entender, sentir e esclarecer a alienação e a confusão de algum de seus companheiros pode muito bem ser o mais preparado para falar às necessidades de muitos, porque todos os homens e são alguém na fonte da corrente da dor e da alegria.<sup>183</sup>

Esperança torna-se alvo, então, para o indivíduo e a comunidade que sofrem. Pois “[...] a mais profunda motivação para guiar nosso companheiro ao futuro é a esperança. Porque a esperança torna possível olhar para além do cumprimento de vontades urgentes e de desejos angustiantes [...]”.<sup>184</sup> Tem-se, assim, reavivamento de uma visão que vai além, até mesmo “[...] para além do sofrimento e mesmo da morte”.<sup>185</sup>

Uma dinâmica visando o cuidado intencional precisa ser oportunizada e vivenciada nas diversas tradições de fé para que façam relevantes diante de um contexto propício ao sofrimento: o ambiente urbano, com suas dores e seus sabores. A dimensão para tal ação é muito ampla, visto que a “[...] realidade urbana não é mais uma condição de

---

<sup>183</sup> NOUWEN, 2007, p. 111.

<sup>184</sup> NOUWEN, 2007, p. 113.

<sup>185</sup> NOUWEN, 2007, p. 113.

posicionamento geográfico apenas [...]”.<sup>186</sup> Os estereótipos do que é urbano e do que é rural diminuem distância, na medida em que se pode observar, atualmente, “[...] que a cultura urbana invade cidades, antes tidas como interioranas e associadas, comumente, a um ritmo, a uma cultura e a uma agenda relacionada às coisas do campo”.<sup>187</sup>

A comunidade precisa aderir a esta proposta que oferece lugar ou espaços para o início e a manutenção de amizades e convivência. Talvez seja oportuno lançar mão de mecanismos capazes de proporcionar tal dimensão de relacionamento, Almeida sugere “[...] ambientes acolhedores nos diversos espaços disponíveis em nossas comunidades de fé”.<sup>188</sup> Para tanto, Almeida chama atenção das comunidades interessadas:

[...] igrejas locais que enfrentam a necessidade de demonstrar o amor de Cristo por todas as pessoas de maneira significativa devem considerar seriamente a transformação cultural da própria organização e de seus representantes, em todos os níveis da mesma. E isto a ponto de ir além de iniciativas isoladas e exclusivistas, mas com força de gerar novo fluxo cultural coletivo e comunitário, de tal forma que seja natural na rotina de nossas comunidades de fé acolher as pessoas [...].<sup>189</sup>

Esta perspectiva é compartilhada por Burke, quando expõe e confronta a comunidade cristã sobre não cumprimento de seu chamado para com o devido comprometimento com o ministério da reconciliação,

Nossa geração anseia por uma profunda união, ainda que geralmente estabeleça formas de relacionamento superficiais. Na esteira de um índice tão alto de divórcios, negligência e abuso, as novas gerações anseiam por envolvimento, mesmo tendo sido programadas para a solidão. Ser solitário é mais do que apenas estar só. A solidão surge quando alguém deseja que as pessoas o vejam e o conheçam e mesmo assim ainda se sente só, embora rodeados de amigos. Se as igrejas não ajudarem as pessoas a se envolverem na comunidade de Cristo de uma forma significativa, terão falhado em desempenhar plenamente o ministério da reconciliação, de reconstruir relacionamentos autênticos, que o Senhor nos confiou.<sup>190</sup>

O ingresso deste desafio nas comunidades de fé pode exigir olhares que alcancem aquelas e aqueles que se achegam. Imaginar que ocorrerá, automaticamente, em ambientes maiores, como os espaços dedicados para as celebrações dominicais, por exemplo, é insuficiente.

<sup>186</sup> ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Pequenos grupos: alternativa e vivência de espiritualidade nos centros urbanos. In: **Revista Batista Pioneira**: Bíblia, Teologia, Prática, Ijuí (RS), v.2, n. 2, dez. 2013. p. 324.

<sup>187</sup> ALMEIDA, 2013, p. 324.

<sup>188</sup> ALMEIDA, 2012, p. 241.

<sup>189</sup> ALMEIDA, 2012, p. 243.

<sup>190</sup> BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas**: um chamado à tolerância na igreja. São Paulo: Vida, 2006. p. 341.

O que se pode observar, de forma recorrente, é que temos maior facilidade de inserção em ambientes/grupos menores, nos quais as pessoas podem ser mais facilmente percebidas, como também podem exercitar a percepção de si mesmas nas outras pessoas, e nisso, vivenciar o princípio da comunitariedade.<sup>191</sup>

As relações precisam ser fortalecidas pela proximidade e pela convivência. Isto precisa de condições específicas, voltadas para este intento, tal qual Foster se alinhando ao pensamento de Schleiermacher que mostra como comunidades de fé devem se posicionar e agir: “[...] Falando, ouvindo e adorando juntos, somos capazes de compartilhar nossas experiências espirituais e assim obtermos mais discernimento, com base no que é compartilhado.”<sup>192</sup> O permanecer juntos e unidos, então, nos é benéfico, traz direção e permite-nos ter “[...] compreensão dessas experiências e demonstra que a Igreja verdadeira é baseada na troca, não em hierarquias repressivas [...]”<sup>193</sup>, em que as relações de poder suplantam e sufocam as relações de amizade. É preciso zelar por “[...] uma comunidade em que a religião verdadeira seja a troca entre iguais que experimentam a Deus”.<sup>194</sup>

Se alguém disser ou mesmo pensar que cuidado não é fácil, correto é este pensamento. “Cuidado é uma arte.”<sup>195</sup>, segundo Boff, que nos chama atenção:

Como pertence à essência do humano ele sempre está disponível. Como tudo o que vive tem que ser sustentado, ele também precisa ser alimentado. O cuidado se alimenta de vigilante preocupação com o seu futuro. Isso se faz às vezes reservando-se momentos de meditação e reflexão sobre si mesmo, fazendo silêncio ao seu redor, concentrando-se em alguma leitura que lhe alimenta o espírito e, não em último lugar, entregando-se à oração e à abertura Àquele maior que detém o sentido de nossas vidas e conhece todos os nossos mais íntimos segredos.<sup>196</sup>

Enfim, a espiritualidade manifesta percebida na *sitcom Friends* tem muito desta espiritualidade do cuidado. Este esforço, certamente, exigirá ação em conjunto. Não se pode ter a ilusão de que outras irão aderir sem antes perceber esta dinâmica. Lideranças podem ser exigidas, anteriormente, a pagar o preço da implementação, o que significa dizer que estas mesmas devam buscar apoio em colegiados, profissionais e colegas. Assim, ter-se-á consistência para partilhar algo que também se tenha recebido. Lembrando da dinâmica sobre o amor, exposta em 1João 4.16-18:

<sup>191</sup> ALMEIDA, 2012, p. 244.

<sup>192</sup> FOSTER, Richard. **Sedentos por Deus**: os sete caminhos da devoção cristã. São Paulo: Vida, 2009. p. 226.

<sup>193</sup> FOSTER, 2009, p. 226.

<sup>194</sup> FOSTER, 2009, p. 226.

<sup>195</sup> BOFF, 2012, p. 152.

<sup>196</sup> BOFF, 2012, p. 152-153.



Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. Dessa forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque neste mundo somos como ele. No amor não há medo; ao contrário o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor.<sup>197</sup>

É preciso, afinal, reconhecer que nós “[...] amamos porque ele nos amou primeiro”.<sup>198</sup> (1João 4.19). Somos, portanto, independente de cargos, funções, hierarquias, poderes e influências, frágeis, limitadas e limitados, carentes de todo o amor proveniente, [...] em última análise, de Deus; o amor genuíno nunca é gerado por suas criaturas. Reconhecer tal coisa nos traz de volta a humildade que integra, que aceita a outra pessoa, que recebe e amplia o cuidado e o distribui, livremente.

Da nossa parte, na condição de comunidades de fé desejosas quanto a fazer a diferença, seja ao redor, seja para com todas e com todos com quem já interagimos, precisamos de humildade e ousadia. Ou, na declaração de Francisco,

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo actual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, «toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial».<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> BÍBLIA, 2003, p. 2154-2155.

<sup>198</sup> BÍBLIA, 2003, p. 2155.

<sup>199</sup> FRANCISCO, Papa. Primeira exortação apostólica do Papa Francisco. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira\\_exorta%C3%A7%C3%A3o\\_apost%C3%B3lica\\_do\\_papa\\_francisco/bra-750057](http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira_exorta%C3%A7%C3%A3o_apost%C3%B3lica_do_papa_francisco/bra-750057)>. Acesso em: jan. 2014.

## CONCLUSÃO

Após um olhar panorâmico sobre todo este texto, faz-se necessário, também, outro olhar mais frio. Como que do romance à realidade do dia a dia, ou como que a rotina depois do “sim” no dia do casamento, depois das núpcias ou após os primeiros tempos pós-celebração. Existirá, em cada realidade das comunidades de fé, outra realidade, específica de cada uma. Não se pode, de forma alguma, generalizar a tal ponto que as nuances de cada meio sejam padronizadas e, portanto, mecanizadas por uma receita. Muito mal às igrejas e nas igrejas já deixou suas marcas. Ainda se cometem, na verdade. Cada região, cada cultura, cada igreja, cada denominação tem os detalhes que lhes são inerentes, que pertencem e fazem parte da sua história e contexto. Não nos é permitido lançar mão de uma padronização de ação.

Lembramos a jornada pela qual passou esta pesquisa. Iniciou-se com uma tentativa de delinear o conceito geral de espiritualidade, buscando – logo após – esboçar três níveis desta no âmbito almejado. Para tanto, nomeou-se espiritualidade implícita, explícita e manifesta. Sendo a primeira um rastro de fé recebida e/ou observada, mas alienada de sua fonte/tradição (ecclética, sincrética, esotérica), a segunda algo que mantém vínculos com sua tradição (baseada em passagens da vida: batismo, natal, *chanucá*) e a terceira como que manifestação espontânea com interesse específico para com relacional, os movimentos baseados em início e manutenção de amizades, em especial, nos contextos urbanos e a partir da ótica de Boff sobre espiritualidade. Assim, esta última, verifica-se nas oportunidades em que acolhida (hospitalidade), coexistência (convivência) e o se alimentar juntos (comensalidade) se fazem presentes. Isto tomou parte dos capítulos um e três.

Entre estes, entretanto, se fez uma abordagem no universo televisivo, especificamente no mundo dos seriados, contemplando de perto as denominadas *sitcoms*. Assim se fez, no intuito de perceber, também o vínculo entre a realidade e a representação da realidade. Percebeu-se que existe uma influência bidirecional. Autores, criadores e produtores buscam na realidade do cotidiano, inclusive em suas próprias histórias particulares, elementos para os enredos. Estes, por sua vez, acabam por influenciar também o seu público telespectador. Criando um ciclo contínuo de influência. Isto pode ser percebido no capítulo dois.

À altura do capítulo quatro, de posse das reflexões anteriores, se propõe reflexões para novos, criativos e acessíveis meios para que as diversas comunidades de fé, das mais variadas tradições religiosas, possam se fazer presentes de maneira relevante na vida de quem com estas participa, como também com as pessoas e outras comunidades ao seu redor.

Assim, depois de repassarmos as abordagens principais desta pesquisa, ou seja, quando voltamos desta leitura, ingressamos/ingressaremos – necessariamente – no real, e este não tem regravações, não existe um diretor com o poder de dizer: “– Corta!” É ato contínuo. E o senso de responsabilidade precisa ser estabelecido. Não se pode compactuar com o erro. Este precisa ser denunciado. E que se inicie a partir de cada realidade comunitária. O batista, o luterano e o católico não precisam desmerecer o outro para se afirmar; pelo contrário, se afirmam se questionando, revendo – diante da Palavra instrutiva de Deus – a sua conduta e como esta tem afirmado o próprio Deus e o Seu desejo de relacionar-se, amorosamente, com todas as pessoas. Estes e outros podem embelezar a Deus em suas doutrinas, liturgias e nos modos de agir, mas não podem refazê-lo, Deus é Deus; independente de doutrina, liturgia e modo de agir de cada comunidade. Ele se fez, se faz e se fará presente no espaço-tempo, apesar de nós.

Esta consciência individual, familiar, comunitária e planetária é necessária não para dimensionar Deus, pois Ele é incalculável para nós; esta consciência serve para nos dimensionar. Somos limitadas e limitados, afinal. E que alívio descobrir e aceitar isto! Pois, desse modo, pode-se estender a mão tanto para dar quanto para receber. Assim se vive em comunidade, assim se ingressa no modelo relacional proposto por Deus de eternidade em eternidade. E reconhecemos que precisamos, portanto, de Deus, deste Deus que oportuniza a agregação livre e espontânea. Enquanto não fazemos a nossa parte de promover isto: uma comunidade de hospitalidade, de convivência e da comensalidade, Deus usará os seus atores: uma mula, o sol, a chuva, a natureza e algumas pedras a nos conscientizar da vitalidade que significa esta entrega, este ajuste de rumo.

Parece-nos que existe, então, esta necessidade implícita de manter vivo o divino, esta imagem remanescente em cada pessoa que insiste, persiste em mantê-lo acessível, próximo, como ressalta Tillich:

A maneira como atuamos no mundo não é importante apenas para nós, mas também para Deus no mundo, à medida que ele se faz presente entre nós. Somos chamados a restabelecer a unidade perdida tanto em nós como no mundo.<sup>200</sup>

Tillich direciona, ainda, para uma reflexão sobre o que ocorre com os símbolos especiais, de como estes surgem e deixam de existir e de quão dinâmico é este processo:

Mas as palavras simbólicas (como ‘Deus’) não podem ser substituídas. Nenhum símbolo pode ser trocado por outro quando exerce função especial. Mas, pergunta-se: ‘Como surgem os símbolos, e como perdem a função?’ Os símbolos nascem e morrem. Os sinais são conscientemente inventados e abandonados. Essa diferença é fundamental. ‘Mas nascem de que ventre?’ Nascem do ventre comumente chamado de ‘inconsciente de grupo’ ou ‘inconsciente coletivo’, não importando que nome tenha – nascem de um grupo que reconhece nessa coisa, nessa palavra, nessa bandeira, o seu próprio ser. Não se trata de algo inventado intencionalmente; e mesmo se alguém tentasse inventar um símbolo, como às vezes acontece, ele só se tornará símbolo se o grupo aceitá-lo. Seria porque teve o poder de ‘abrir’ alguma coisa no sentido que entendemos aqui. Como resultado disso, quando a situação do grupo muda, o símbolo morre. Nesse caso, o símbolo não teria mais nada para dizer, porque a situação onde nasceu, deixou de existir. São eventos que não podem ser descritos em termos de intenção e invenção.<sup>201</sup>

Em um universo carregado de símbolos, é preciso reconhecer parte considerável deste fluxo, através da linguagem televisiva, que é – cada vez mais – espelho da vida real e, por que não dizer, vice-versa também. Aqui, no registro de Adam sobre a cena de uma cerimônia de casamento em uma novela brasileira:

A trama da novela ‘Viver a vida’ girava em torno da condição da modelo Luciana (Aline Moraes), que após um acidente fica tetraplégica. A superação é o tema central de toda a novela. Luciana é o exemplo mais espetacular de superação. Submetida à cadeira de rodas, ela é transformada e transforma seu entorno. Seu casamento com o médico Miguel (Mateus Solano), já nos últimos capítulos da novela, é mais um passo de sua superação e transformação.<sup>202</sup>

Passa a ser possível vislumbrar e perceber esta questão do vínculo direto, da coisa explícita na vivência da espiritualidade, a formalidade adentrando a vida ficcional,

Podemos dizer que todo o enredo de superação da novela tem enfoques claramente religiosos. O que chama a atenção na cena do casamento é o caráter explícito do religioso. Poucas vezes, uma novela trouxe tanta precisão litúrgica, como neste caso. A liturgia do matrimônio está praticamente na íntegra. Toda a cena dura mais de 10 minutos. No texto, principalmente na fala do padre, o enredo foge aos padrões formais e conservadores: o padre fala em sua pregação de superação e usa o texto da carta aos Gálatas (3.28). A partir do texto, diz-se sentir abençoado por estar diante

<sup>200</sup> TILLICH, 2009, p. 250.

<sup>201</sup> TILLICH, 2009, p. 101-102.

<sup>202</sup> ADAM, 2012b, p. 189.

de pessoas que conhecem verdadeiramente o sentido das palavras obstáculo, superação e preconceito.<sup>203</sup>

Adam destaca, a partir deste ponto, algo extremamente curioso e instigante. Não é mais moralismo, avassalador e fragmentador, mas o desejo de manter-se próximo, juntos e unidos que delinea esta cena, e aqui chegamos a ponto confrontador: seria esta maneira viável para que as nossas comunidades de fé possam agregar e engajar pessoas que necessitam de vivência de fé? Pela descrição da cena, podemos deduzir gente se emocionando muito mais do que gente em cultos, missas e/ou celebrações, igrejas adentro; conforme assevera o autor:

Reconciliação, e não discurso moralizante, é aqui o mote para a superação. As palavras do compromisso, da troca de alianças e da oração do Pai Nosso são trazidos na íntegra. Para cada parte do texto litúrgico, não só os noivos, mas as demais personagens e as falas paralelas são focadas, fazendo uma relação destas com o que está sendo dito no texto. Músicas de fundo embalam e cena, criando um clima de muita emoção. O espectador sente-se dentro da cena.<sup>204</sup>

Neste sentido, deseja-se supor uma natural necessidade e respectiva busca por estar junto, do outro, de alguém que nos acolha e quem acolhe em sua história, também. Nisto, imaginar-se-á traços e esboço de comunhão (este estimado valor proclamado e buscado nos diversos ambientes de comunidades de fé); assim, rastros ou vivências de espiritualidade se apresentam; mesmo que implícita ou, ainda, nebulosamente, sem forma e, provavelmente, sem formatação religiosa. Isto, em especial, nos ambientes urbanos. Almeida percebe, inclusive, um nicho para uma atuação mais efetiva por parte das comunidades de fé, diante desta realidade:

É inegável e cada vez mais necessária a promoção e a manutenção de ambientes relacionais saudáveis que favoreçam contatos verdadeiros entre as pessoas e nas próprias igrejas, ambientes nos quais os seus participantes possam ser percebidos, ouvidos, em que suas dores e alegrias possam ser consideradas. Só assim as pessoas serão notadas e acolhidas. Ao mesmo tempo, em tais ambientes certamente terão mais oportunidade de crescimento pessoal, um crescimento integral, sendo também abordados, encorajados e/ou confrontados pela realidade do outro e no outro, para se permitirem revisão na conduta pessoal diante dos desafios rotineiros que a vida comporta. Além disso, sugere-se que nestes ambientes de pequenos grupos as necessidades das pessoas não apenas serão (re)conhecidas, mas também se poderá vislumbrar meios para mudança individual e comunitária.<sup>205</sup>

<sup>203</sup> ADAM, 2012b, p. 189.

<sup>204</sup> ADAM, 2012b, p. 189.

<sup>205</sup> ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. **Pequenos grupos missionários**: mãos, braços ou corpo de Cristo. 2011. 55 f. TCCP (Especialização em Missão urbana) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011. p. 49-50.

Enquanto uma *sitcom* se esmera em retratar o cotidiano; por outro lado, as comunidades de fé são constantemente provocadas para perceber oportunidades de inserção e interação para com a cultura local. Eis que surge terminologia específica na esfera da missão urbana, em que uma das expressões mais significativas aborda a questão da contextualização, conforme breve descrição a seguir:

Processo de buscar transmitir a mensagem e os ensinamentos das antigas Escrituras usando formas contemporâneas de linguagem bem como metáforas e imagens conhecidas do público atual. A contextualização suscita a questão dos limites que o teólogo precisa ter para alterar a linguagem das Escrituras sem perder a ESSÊNCIA da mensagem do evangelho. Também tenta entender a forma pela qual a comunidade cristã pode viver o evangelho em meio a uma cultura não cristã.<sup>206</sup>

Contribui muito tomar ciência em relação à cultura local, regional e global, conforme o caso. Para que, numa possível interação, a interlocução cristã não fique alijada diante do processo cultural estabelecido. É preciso conhecer e interagir na linguagem corrente e em suas variedades de significâncias.

Depois, reconhecemos que precisamos de Deus no outro. Afinal, o Deus que é Pai, é Filho e é Espírito Santo, o é na trindade. E de ponta a ponta da eternidade, assim o é, comunidade, sempre. Se Deus, portanto, o *Pantocrator*<sup>207</sup>, vive comunidade em Si, nós, seres cheios de limitação, devemos buscar comunidade, também. Na comunidade que não compactua com o erro, encontraremos o modelo proposto desde a eternidade pelo Deus vivo, Deus que vive entre batistas, entre luteranos, entre católicos, e para aquelas e aqueles que estão contemplados em João 3.16: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”<sup>208</sup> Este Deus que independe desta ou daquela doutrina, o Deus “Eu Sou o que Sou!”<sup>209</sup>

<sup>206</sup> GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherit Fee. **Dicionário de teologia**. São Paulo: Vida, 2004. p. 31.

<sup>207</sup> A esse tipo de imagem de Cristo é dado o nome genérico de «Pantocrator» tão rico de significados. O termo grego, traduzido geralmente por «Onipotente», mas que é melhor traduzir pela expressão «Oniregente», ou «Aquele que tudo rege», é um termo que se encontra já na literatura pagã. É encontrado na versão grega dos Setenta que o retoma para traduzir a expressão «Sabaoth», conferindo-lhe o significado de Deus «Dominador de todas as potências terrestres e celestes». Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/iconografia/o\\_tipo\\_iconografico\\_do\\_pantokrator.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/iconografia/o_tipo_iconografico_do_pantokrator.html)>. Acesso em: jan. 2014.

<sup>208</sup> BÍBLIA, 2003, p. 1792.

<sup>209</sup> BÍBLIA, 2003, p. 98.

De todos os escritos sagrados, dentro da tradição cristã, que aqui caberiam para enaltecer o motivo desta pesquisa, nenhum outro soa tão próximo e desejável, tão emblemático e harmônico, quanto à passagem de Atos 2.42-47, abaixo transcrita:

Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.<sup>210</sup>

---

<sup>210</sup> BÍBLIA, 2003, p. 1855.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012a.

\_\_\_\_\_. Deuses e liturgias as mídias. In: SCHAPER, Valério Guilherme et alii (Orgs.). **Deuses e ciências na América Latina**. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012b.

\_\_\_\_\_. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como vivência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, jan./jun. 2010.

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Pequenos grupos: alternativa e vivência de espiritualidade nos centros urbanos. In: **Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia, Prática**, Ijuí (RS), v.2, n. 2, dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo**. 2011. 55 f. TCCP (Especialização em Missão urbana) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011.

**BÍBLIA de estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>.

\_\_\_\_\_. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Século XXI, século da espiritualidade? Disponível em: <[http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec\\_esp.htm](http://leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/sec_esp.htm)>.

\_\_\_\_\_. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. II: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Virtudes para um outro mundo possível**, vol. III: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006b.

BLECH, Benjamin. **O mais completo guia sobre judaísmo**. São Paulo: Sêfer, 2004.

BORTOLLETO FILHO, Fernando et alii (Eds.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

BRANDT, Hermann. **Espiritualidade: vivência da graça**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas: um chamado à tolerância na igreja**. São Paulo: Vida, 2006.



BUTZKE, Paulo Afonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para os nossos dias. In: **Estudos teológicos**, São Leopoldo, n. 2, 2003.

CARDOSO, Clarice. O que foi feito do grupo de amigos dez anos depois de “Friends”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arte-e-lazer,o-que-foi-feito-do-grupo-de-amigos-dez-anos-depois-de-friends,1127902,0.htm>>.

COCA-COLA Brasil. HISTÓRIA da marca, 2000-Hoje. Disponível em: <<http://cocacolabrasil.com.br/coca-cola-brasil/historia-da-marca/#9>>.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de comunidades: uma nova paróquia**. Brasília: CNBB, 2013.

CUNHA, Paula. Pequenas livrarias encolhem ainda mais. **ANL**, 20 maio 2012. Disponível em: <[http://anl.org.br/web/exibe\\_noticia.php?id=620](http://anl.org.br/web/exibe_noticia.php?id=620)>. Acesso em: jan. 2014.

DICIONÁRIO de Português Online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>.

ECCLESIA Brasil. O Tipo Iconográfico do Pantocrátor. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/iconografia/o\\_tipo\\_iconografico\\_do\\_pantokrator.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/iconografia/o_tipo_iconografico_do_pantokrator.html)>.

ÉPOCA. “MARTA kauffman: ‘se 'Friends' voltasse, seria decepcionante””. São Paulo, 07 mai. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/cultura/noticia/2013/05/marta-kauffman-se-friends-voltasse-seria-decepcionante.html>>.

EPHRON, Nora. **Mens@gem para você**. [s.l.]: Warner Bros., 1999. 1 DVD (119 min): son., color.

EXAME.com. “DEZ anos de saudades da série friends”. [sl], 10 fev. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/dez-anos-de-saudades-da-serie-friends?page=1>>.

FARID, JACQUELINE. IBGE: 43% acima dos 14 veem TV mais de 3h por dia. **O Estado S. Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,ibge-43-acima-dos-14-veem-tv-mais-de-3h-por-dia,531880,0.htm>>.

FRANCISCO, Papa. Primeira exortação apostólica do Papa Francisco. Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira\\_exorta%C3%A7%C3%A3o\\_apost%C3%B3lica\\_do\\_papa\\_francisco/bra-750057](http://pt.radiovaticana.va/news/2013/11/26/primeira_exorta%C3%A7%C3%A3o_apost%C3%B3lica_do_papa_francisco/bra-750057)>. Acesso em: jan. 2014.

FRIENDS. (1ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (585 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (2ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (568 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (3ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (589 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (4ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (562 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (5ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (562 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (6ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (574 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (7ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (528 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (8ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2007. 4 DVDs (526 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (9ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (577 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. (10ª temporada). Criado por David Crane e Marta Kauffman. Produção executiva por Kevin S. Bright, Marta Kauffman e David Crane. [S.l.]: Warner Bros. Entertainment Inc., 2006. 4 DVDs (465 min.), fullscreen, colorido.

FRIENDS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: **Wikimedia Foundation**, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Friends>>. Acesso em: janeiro de 2014.

FOLHA de S. Paulo. “Volta de ‘Friends’ nunca vai acontecer”, desanima cocriadora da série. São Paulo, 17 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/04/1264117-volta-de-friends-nunca-vai-acontecer-desanima-criadora-da-serie.shtml>>.

FROMER, Marcelo; ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sérgio. Comida. Disponível em: <[http://www.titas.net/discografia/index.php?interface=0&acao=disco&disco\\_id=5](http://www.titas.net/discografia/index.php?interface=0&acao=disco&disco_id=5)>.

FURQUIM, Fernanda. **Sitcoms**: definição e história. Porto Alegre: FCF Editora, 1999.

FOSTER, Richard. **Sedentos por Deus**: os sete caminhos da devoção cristã. São Paulo: Vida, 2009.

FUSCO, Cláudia. A novela mais longa do mundo vai acabar. **Superinteressante**, São Paulo: Abril, jan. 2010. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/novela-mais-longa-mundo-vai-acabar-521379.shtml>>.

G1 Economia. Número de casas com TV supera o das que têm geladeira. 21. set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>>.

GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça**: parceria na missão de Deus. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.

GESSINGER, Humberto. Longe demais das capitais. **Uol**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/discos/letras/longe.htm>>.

GESSINGER, Humberto. Somos quem podemos ser. **Uol**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/discos/letras/somos.htm>>.

GOUVEIA, Julia. Friends, Sex and the city, Seinfeld: a nova York dos seriados. **Viagem, Blog da VT**, 5 set. 2012. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/blog/blog-da-vt/2012/09/05/friends-sex-and-the-city-seinfeld-a-nova-york-dos-seriados/>>.

GRAF, Geraldo; RAMLOW, Leonardo. **Nossa igreja - nossa identidade**: manual de estudo. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherit Fee. **Dicionário de teologia**. São Paulo: Vida, 2004.

HOFFMANN, Arzemiro. **A cidade na missão de Deus**: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus. Curitiba: Encontro; São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2007.

LETRAS.mus.br. I'll be there for you, The Rembrandts. Disponível em: <<http://letras.mus.br/rembrandts/33593/>>.

JORNAL da Metodista. Espiritualidade x religiosidade. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, ed. online, n. 70. Disponível em: <<https://www.metodista.br/jornal-metodista/70/espiritualidade-x-religiosidade>>.

MUNDO Estranho. Como surgiu a expressão “imprensa marrom”? Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiu-a-expressao-imprensa-marrom>>.

MSN Entretenimento. TV Cultura tem a maior programação estrangeira de todas as redes brasileiras. 3 jul. 2012. Disponível em: <<http://entretenimento.br.msn.com/famosos/tv-cultura-tem-a-maior-programa%C3%A7%C3%A3o-estrangeira-de-todas-as-redes-brasileiras>>.

MUNDO Estranho. Dica TdF – 5 episódios natalinos de séries para ver no Natal. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/tag/friends/>>.

MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**. Uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007.

NISKIER, Arnaldo. **Sabedoria judaica de A a Z**. São Paulo: Sêfer, 2009.

NOUWEN, Henri J. M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PRADELLA, Michele Vaz. No ar até janeiro, Amor à vida será novela mais longa dos últimos dez anos. Noveleiros, **ClicRBS**, 4 out. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/noveleiros/2013/10/04/no-ar-ate-janeiro-amor-a-vida-sera-novela-mais-longa-dos-ultimos-dez-anos/?topo=52,1,1,,186,e186>>.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico – com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Loyola, 2011.

REBLIN, Iuri Andréas. Por que uma teologia do cotidiano? In: **Uma religião chamada Brasil** [recurso eletrônico] estudos sobre religião e contexto brasileiro / Oneide Bobsin, ... [et al.], orgs. – [2. ed.] – São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012.

REVISTA Bravo. São Paulo: Abril, 189, ed. mai. 2013.

REVISTA Ultimato. Viçosa: Ano XLVI, nº 344, Set./Out. 2013.

RYRIE, Charles C. **A Bíblia anotada**: edição expandida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

SCHAPER, Valério Guilherme et alii (Orgs.). **Deuses e ciências na América Latina**. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SUN, Adam. Mas nem na China. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, 6. ed. online, mar. 2007. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-6/esquina/mas-nem-na-china>>.

TEAR. São Leopoldo: Centro de Recursos Litúrgicos – EST, n. 8, mai. 2004.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte, 2009.

VEIGA, Aida. **Linha do tempo na moda**. Revista Época, São Paulo: Globo. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT539203-1664-2,00.html>>.

WARNER Channel TV Brasil - Séries. Friends. Disponível em: <<http://www.warnerchannel.com/series/friends/>>.

UOL Economia. BRASIL tem o quinto “Big Mac” mais caro do mundo. 23 jan. 2014. Disponível em: < <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/31/brasil-tem-o-3-big-mac-mais-carro-do-mundo-diz-pesquisa.htm>>.

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.